

LÚCIO LARA
Tchiweka
Imagens de um percurso 80 anos



LÚCIO LARA
Tchiweka
Imagens de um percurso *80 anos*



LÚCIO LARA
Tchiweka
Imagens de um percurso... *anos*

...até à conquista
da independência



Pórtico

O Mundo, durante as primeiras décadas do Século XX, estava ainda muito longe de ser como o conhecemos nos nossos dias, em que grande parte dos Povos, Países e Nações, se transformaram em actores do processo histórico global, representando personagens diversificados e multifacetados, com maior ou menor participação, importância e peso na cena internacional.

Os movimentos humanistas, progressistas e revolucionários que se desenvolveram na Europa, na viragem daquele século, tinham sido seriamente abalados pela eclosão da 1.ª Guerra Mundial. Por outro lado, os acontecimentos que culminaram na Rússia, em Outubro de 1917, com a criação da União Soviética, iriam condicionar todo o ulterior desenvolvimento da Humanidade.

Entretanto, a esmagadora maioria dos povos colonizados do Continente Africano continuava à margem de toda esta evolução, sem voz e sem acção, ambas submetidas e subjugadas às administrações coloniais que a Europa mantinha no nosso continente-berço.

A partir do final dos anos 1930, as grandes potências coloniais voltaram a digladiar-se entre si e no decurso da 2.ª Guerra Mundial intervieram alguns contingentes militares africanos, integrados nas forças dos seus respectivos países colonizadores, ganhando, a partir daí, uma nova consciência dos direitos que lhes eram negados.

Apercebemo-nos hoje que foi ao longo do período que decorre entre as duas guerras mundiais e nos anos subsequentes que começaram a surgir, em diversos campos de acção – política, cultural, cívica – homens e mulheres de estatura moral e cívica invulgares,

que acabariam por criar as bases para a condução dos seus povos até à idade da auto-determinação, do quebrar das algemas coloniais, permitindo a inauguração, para o nosso continente, da era das independências nacionais. O Mundo passou então a dispor de um vasto número de estados com legitimidade e identidade próprias, que constituem hoje a grande maioria dos países do hemisfério sul.

A realidade histórica, marcada por regimes colonialistas que institucionalizavam a opressão, confrontava-se com os ideais generosos e progressistas que grassavam mundo fora e inspiravam os movimentos de carácter anti-capitalista e anti-imperialista. Esses movimentos exerceram uma influência decisiva sobre a nova geração de cidadãos, que começou a dedicar uma especial atenção ao estudo e ao aprofundamento das novas concepções ético-culturais, políticas e económicas, buscando soluções para terminar com o colonialismo. Emergiu assim uma geração lúcida, consciente e motivada, que se preparava intelectualmente para criar as condições, quer objectivas, quer subjectivas, que iriam levar ao desencadear das lutas pela libertação nacional. Nela despontaram verdadeiros combatentes pelos ideais da liberdade e do progresso que, actuando do ponto de vista político, pedagógico, educacional, moral e por vezes militar, se transformaram em força decisiva que fez alterar, em menos de duas décadas, o mapa-mundo como até então era conhecido.

É do percurso pessoal de um destes combatentes que trata este trabalho. Ao realizá-lo, tivemos o propósito exclusivo de homenagear os valores permanentes e inapagáveis comuns a tantos cidadãos e cidadãs, cujo apego ao dever, à responsabilidade, à seriedade, à modéstia e à entrega total a um projecto de construção de países soberanos, autónomos e livres, acabaram comprometendo-se com o sonho de uma Humanidade fraterna e íntegra, na plenitude das suas responsabilidades e dos seus direitos. Homenageamos cidadãos patriotas e comprometidos com os seus Povos, que nunca deixaram de assumir que esta condição, era (e é) fundamental para a libertação total de todos os explorados, humilhados e oprimidos do Mundo, onde todos pudessem ser donos e senhores do seu próprio destino. Este álbum comemora o 80.º aniversário natalício de um combatente cuja vida está intimamente ligada à História de Angola da segunda metade do Século XX.

Lúcio Lara é do Huambo, onde nasceu e adolesceu. Viveu também no Lubango, para onde foi concluir os seus estudos secundários e mais tarde em Coimbra e Lisboa,

para dedicar-se aos estudos universitários. Aí conheceu Ruth Pflüger aquando da sua militância no MUD Juvenil, com quem se casou. Seguiu depois para a Alemanha, iniciando assim a sua fuga à tutela colonial. O seu ininterrupto envolvimento com os movimentos anti-colonialistas levaram-no a preparar o regresso ao continente africano, pela porta de Tunis, Rabat, depois Conakry e finalmente, logo que lhe foi possível, junto com os amigos e compatriotas envolvidos no processo anti-colonial, das nossas já vizinhas Léopoldville (hoje Kinshasa) e Brazzaville. Viveu esses difíceis anos mergulhado numa inquebrantável motivação pelos ideais que compartilhava com os melhores da sua geração, que com ele desenharam os contornos do MPLA, e durante os quais exerceu funções de primeira importância até ao triunfo da luta contra o colonialismo. Esteve na primeira fila, pública e dos bastidores, dos momentos cruciais da proclamação da independência e da criação do primeiro governo do país por que lutou a vida inteira. Como na luta de libertação nacional, esteve presente num grande número de frentes, na construção do novo país, enfrentando e ajudando a resolver os problemas mais difíceis, políticos, sociais e simplesmente humanos, até que a idade e a saúde lhe permitiram. Vive hoje reformado, acompanhado pela angústia que lhe causa o sofrimento que o seu povo ainda enfrenta, as mesmas razões, que há tantos anos atrás o motivaram a entregar a sua vida à luta por um Mundo melhor. Do silêncio e da simplicidade que a sua presença familiar e amiga impõe, nasceu em muitos o respeito pela sua obra, palpável, imperfeita como todas as obras, mas de um valor inquestionavelmente singular no nosso país. O conhecimento do seu itinerário, da sua longa trajectória de luta e da coerência da sua postura, terá seguramente o condão de inspirar a continuação da luta.

A documentação (os mais diversos e variados documentos históricos, principalmente os utilizados nos diferentes campos de acção do MPLA) foi uma das principais preocupações de toda a sua trajectória. Apesar de uma vida instável, intensa, sem ter a certeza do amanhã, nunca deixou de guardar, ajudado pela companhia de toda a vida, e para o benefício das gerações futuras, tudo o que pudesse servir de testemunhos documentais. Por sua vontade foi iniciado um trabalho de organização e aproveitamento desse imenso acervo histórico e nasceu a Associação Tchiweka de Documentação, ATD.

As fotos que documentam a trajectória deste combatente são uma confirmação afinal do que foi uma vida inteira dedicada à causa da independência de Angola, sem descurar nunca uma generosa e firme consciência da necessidade de ultrapassar as fronteiras do

nacionalismo e de apoiar outras causas que justificaram a continuidade da luta em países onde se mantivesse o status-quo do colonialismo, do neo-colonialismo ou do apartheid.

Muitos dos protagonistas dessa saga gigantesca que viria a culminar com a Independência Nacional em 1975, aparecem aqui retratados em diversos momentos e distintas actividades, que demonstram o seu empenho na Luta de Libertação Nacional e nos actos e propósitos que conduziram à instauração da primeira República independente em território angolano.

Apesar da actividade política de Lúcio Lara no pós-independência ter, aos nossos olhos, tanta importância como a do período anterior, fomos levados a decidir que este trabalho culminasse a 11 de Novembro de 1975. A verdade é que a documentação tratada e classificada só nos permitiu, por enquanto, chegar até aí. Retratar o seu itinerário na consolidação da independência – tinha Lúcio Lara 46 anos quando a República Popular de Angola nasceu – requer um trabalho de pesquisa e de organização bibliográfica e fotobiográfica mais amplo, para lá do material existente no seu acervo, que se seguirá certamente...

A concepção desta fotobiografia levou-nos a organizar cronologicamente o livro. Assim, e após este póstico introdutório sobre Lúcio Lara, seguem-se os capítulos respeitantes à sua “juventude”, aos “anos de forja”, à “luta armada”, ao “limiar da independência” e à sua integração “no Mundo”, apaixonado como sempre foi pelo desenvolvimento do sentido de liberdade e de autonomia fosse em que parte do mundo fosse.

O álbum oferece um capítulo dedicado ao “Lúcio”, o Homem, valor que está na base de toda a acção ao longo da sua vida. O seu sentido solidário levou-o, junto com a Ruth, a adoptarem e apoiarem vários filhos, apesar de todas as dificuldades que se viviam. O seu gosto e interesse pela fotografia, que ajudou a facilitar algumas escolhas deste álbum, e sem o qual o trabalho seria muito mais difícil de ser levado a bom termo. A presença de vários companheiros, com os quais foram repartindo as vicissitudes da guerra e da luta nas suas múltiplas componentes: aquilo que a Ruth e o Lúcio nos deixam – ainda hoje todos os dias – numa prática quotidiana de generosidade, de simplicidade e de verticalidade. O álbum fecha com alguns testemunhos de quem os conheceram ao longo desta longa trajectória, recebidos daqueles que foram a tempo de contribuir para este livro, sendo certo que, pressionados pelo tempo e por obrigações assumidas, não foi possível reunir aqui todo o conjunto de pessoas que gostaríamos.

Ao editar este álbum, o Centro de Documentação da ATD está consciente de estar a contribuir para que muitos conheçam melhor uma parte importante da História do MPLA e de Angola. Sem a pretensão de a definir: esse é um trabalho que está em curso e que se irá completando à medida que a investigação for sendo cada vez mais aprofundada e a publicação dos seus resultados acontecendo. A publicação, iniciada por Ruth e Lúcio Lara, de três volumes da série “um amplo movimento...” a partir de documentos pertencentes ao seu acervo, fez parte de um contributo fundamental para o conhecimento dos factos que suportaram a importante e decisiva fase do início e do desenvolvimento da luta de libertação nacional em Angola.

Difícil, e por vezes constrangedor, foi o exercício de seleccionar as poucas centenas de fotos que ora se apresentam, retirando-as de um universo de alguns milhares existentes. Procurámos retratar, de forma sequencial, todas as etapas e aspectos mais relevantes de cada uma delas, algumas vezes limitados pela qualidade técnica dos originais, mas sempre guiados pela intenção de documentar, através da imagem, os momentos mais significativos da gesta nacional e a intervenção de Lúcio Lara nesse processo.

A presente edição deste álbum é acompanhada por um DVD que, para além de reproduzir o seu conteúdo, contém outros registos fotográficos que aqui não tiveram já espaço, assim como a transcrição integral dos testemunhos daqueles que, convidados a fazê-lo nesta ocasião, tiveram a amabilidade de os escrever.

A Associação Tchiweka de Documentação tem o dever de deixar aqui registados os agradecimentos a todos quantos tornaram possível esta publicação:

- Ao MPLA, na pessoa do seu Presidente, José Eduardo dos Santos
- À Fundação “Sagrada Esperança”
- À “Executive Center”
- À “TAAG – Linhas Aéreas de Angola”

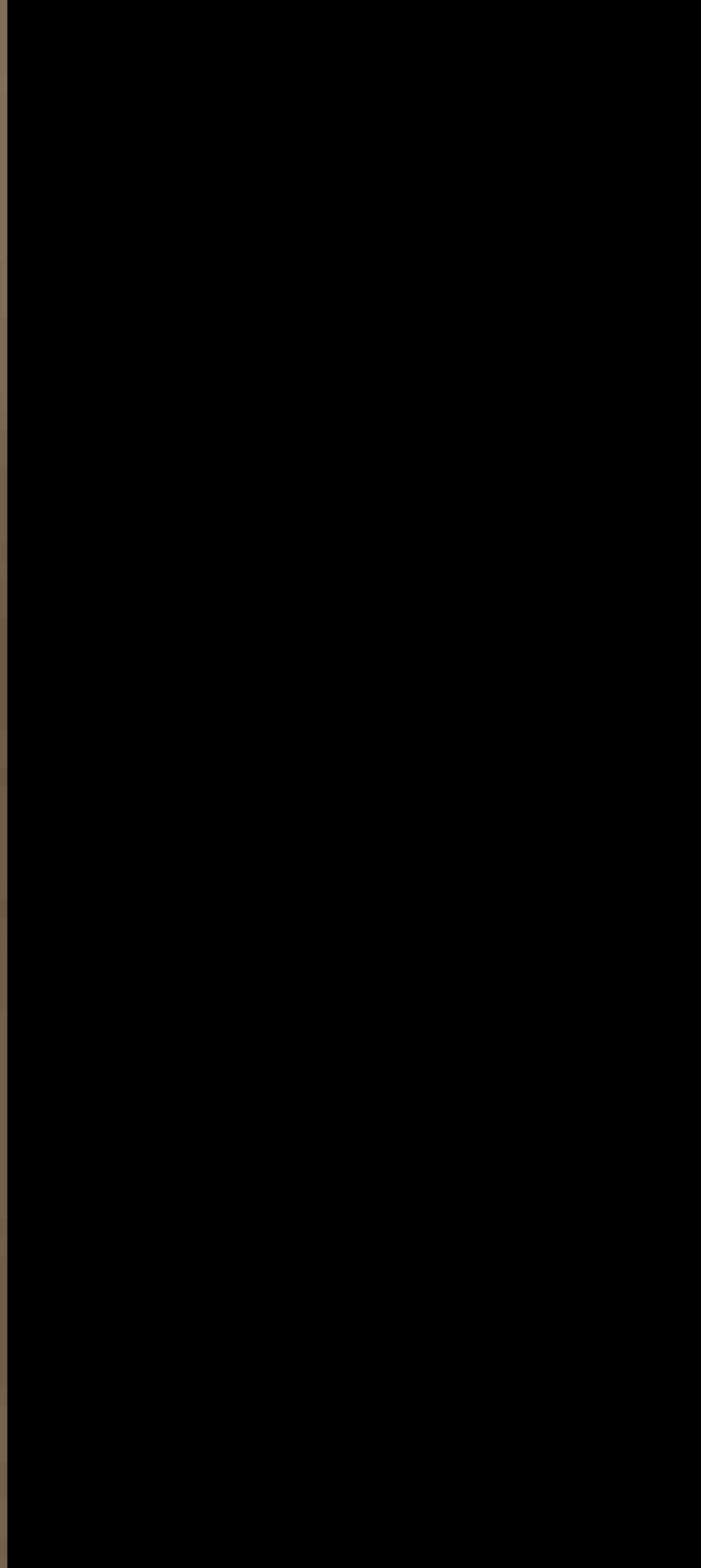
E ainda a todos aqueles que, sócios ou não da Associação Tchiweka de Documentação, contribuíram com o seu trabalho, ideias e depoimentos para a concretização deste projecto: uma fotobiografia de Lúcio Lara “Tchiweka”.





Anos de Juventude (1929-1947)

rappelle-toi quand même ce jour-là...



LÚCIO Lara, de seu nome completo Lúcio Rodrigo Leite Barreto de Lara, nasceu a 9 de Abril de 1929 na Cidade do Huambo, a que no ano anterior fora dado o nome de Nova Lisboa.

Seu pai, Lúcio Gouveia Barreto de Lara, português, chegara a Angola em 1905 com dezasseis anos, instalando-se na região do Bailundo junto de um tio, Joaquim Rodrigues Gouveia, que ali vivia desde os anos finais do século dezanove. Com o tio e os irmãos Abel e Álvaro constituíram, próximo do Mungo, a fazenda “Aurora” que em 1933, por dificuldades financeiras, passou para o Banco Nacional Ultramarino. O pai de Lúcio Lara estabeleceu-se então como comerciante na cidade do Huambo mas voltou à Fazenda Aurora como gerente, na época áurea da produção de sisal. Após 1945 passou a trabalhar no Grémio do Milho, regressando à cidade onde constrói a casa familiar na rua Vicente Ferreira.

A mãe de Lúcio Lara foi Clementina Leite (Barreto de Lara após o casamento), neta por via materna do *sekulu* Tchiweka, da aldeia do mesmo nome, na área do Mungo. Era frequente na época que o chefe da aldeia e o comerciante estabelecido nas proximidades consolidassem a sua confiança por laços de parentesco e terá sido o caso de Tchiweka e do português Rodrigo Pinto Leite, pai de Clementina. Esta e suas irmãs foram enviadas por algum tempo para um colégio católico no Porto (Portugal) para completarem a sua educação. Pela parte da mãe, elas descendiam de um soba importante do Libolo, Kanganza Hoji, nome que Lúcio Lara chegou a usar como pseudónimo.

Fundada em 1912, a cidade da infância de Lúcio e da sua irmã Zita (Maria Marcelina) era na década de 1930 ainda uma pequena urbe de cerca de cinco mil habitantes, com grandes baldios entre zonas urbanizadas e mesmo estas sem água canalizada nem esgotos. Também não havia luz eléctrica excepto a que a Companhia do Caminho-de-Ferro de



FAZENDA AURORA, L. DA
Uma das mais antigas propriedades do Planalto de Itaipava

BAILUNDO
CASA-POSTAL N.º 2

Explicação de clima de fazenda e Cotonete — Culturas de trigo, milho, feijão, cana-de-açúcar — Fabricação de cimento e fazenda de todas as espécies — Fomento de gado para a agricultura de longo prazo — Cervejas, pastilhas, tapetes de todas as dimensões

Agentes em: Porto Alexandre, Mossâmedes, Benguela, Lobb, Luanda, Vila Teixeira de Sousa, Vila Luzo, Nova Lisboa, 54 da Bandeira e Robert Williams

Preço de venda por unidade de moeda de 10/1, de 1/1, de 1/1

Recortes do jornal “Voz do Planalto”

O pai, Lúcio Gouveia Barreto de Lara, no Bailundo, montado em boi-cavalo.

EDIÇÃO DE 3 DE DEZEMBRO DE 1944

Aos 2 anos de idade

Junto da irmã Maria Marcelina e dos pais, Lúcio e Maria Clementina.

Com a irmã Zita e com o primo Ernesto
FAZENDA AURORA, MUNGO, 1943



Benguela cedia para iluminação pública de algumas áreas limitadas. O caminho-de-ferro e o comércio do milho eram os pilares económicos da região e as relações da cidade com o mundo rural circundante eram estreitas.

Entre as mais marcantes reminiscências da infância de Lúcio Lara ficaram os tempos passados na Fazenda Aurora, com primos como Ernesto Lara (Filho) e crianças da fazenda e aldeias vizinhas.

Da carta de Ernesto Lara Filho, de 4 de Novembro de 1959:

“...Aqueles dias, aquelas tardes da Fazenda Aurora onde só ficávamos tristes quando o dia acabava porque não podíamos brincar mais. Sobrava o “Azor” no quintal, no jardim, aquêle macaco que só te conhecia a ti, que era só teu amigo. Aos outros, até aos que lhe davam comida mordia com uma ferocidade sem limites. Mas a ti respeitava-te porque eras amigo déle. Chegavas a pôr pedras, a ir buscar pedras, para pôr junto à gaiola de modo a que éle não se molhasse no charco que se formava com a chuva, para não apanhar reumatismo - os macacos sofrem muito com a chuva... - lembras-te?”

Após os estudos primários que, devido à ausência dos pais no Mungo, terminou como aluno interno no Colégio Alexandre Herculano, continuou a frequentar o mesmo colégio até ao 6º ano, à excepção de um curto período em Portugal. Por essa altura, era um entusiasta do futebol, representado na cidade pelo Atlético Clube de Nova Lisboa, o Sporting Clube do Huambo e o Clube Desportivo Ferroviário.



Equipa de futebol do Liceu Diogo Cão
Com Isaac, Gáio, José Dias, Ruy Simões, Bauleth...
SÁ DA BANDEIRA, ANOS 1945-47



No seu 20.º aniversário
Com os primos Abel, Alda, Álvaro e
Ernesto.
PORTUGAL, 1949

Naquele tempo Angola tinha apenas dois Liceus, o “Salvador Correia” em Luanda e o “Diogo Cão” no Lubango (então chamada Sá da Bandeira), para onde o jovem Lúcio seguiu, como outros seus conterrâneos, para terminar os estudos secundários. Sendo bom aluno, decidiram os pais e a irmã reunir recursos para o enviar para a Faculdade o que significava, na época, ter de sair de Angola.

Partiu para Lisboa e matriculou-se inicialmente em Economia, passando após o exame de admissão para a Faculdade de Ciências nessa cidade, transitando depois para a de Coimbra.

Embora atitudes anti-salazaristas e prisões políticas não fossem desconhecidas no meio familiar e social em que cresceu (nomeadamente com seus tios Abel e Ernesto Lara), foi na actividade contestatária das Associações de Estudantes que Lúcio Lara iniciou verdadeiramente a sua formação política, junto dos que se opunham à ditadura então vigente em Portugal.

A consciência e a rejeição das injustiças da opressão colonial, porém, vinham de trás, da infância e adolescência vividas no planalto central angolano. E anos mais tarde, quando chegou o momento, escolheu Tchiweka como seu nome de guerra.





Anos de Forja (1948-1960)

é tempo companheiro!, caminemos...



No ano de 1947, Lúcio Lara, aos 18 anos de idade, deixa Angola, rumo a Portugal, para frequentar os estudos universitários.

É aí que se encontra com o núcleo de estudantes das então colónias africanas, sob administração portuguesa, em que sobressaem Agostinho Neto, estudante de Medicina, Amílcar Cabral, estudante de Agronomia, Noémia de Sousa, Eduardo Santos, Mário Pinto de Andrade, de entre outros.

Grande era o fervilhar de ideias entre aqueles estudantes que tinham como ponto de encontro a Casa dos Estudantes do Império, cujos lar e cantina proporcionavam uma vida diária comum a todos eles.

Como nos recorda Ndunduma, no seu depoimento:

Naquela tarde de um dia qualquer, de um mês, que já não sei indicar, porque nem sempre a memória responde no momento desejado, do ano de 1957, talvez mais exactamente 1958, o Zé Bernardino e o Portela disseram-me, como se fizessem um convite do tipo, “já que estás aí” podes assistir á reunião. O restrito grupo, sentado à volta da mesa da Biblioteca da Casa dos Estudantes do Império, a maior em todo o edifício, compunha-se de “mais-velhos”, de vinte e poucos, a trinta anos, dos quais eu conhecia a maioria. Olhei para os presentes, só não conhecia um. Em voz de murmúrio, (pouca educação), pois parece mal, falar ao ouvido de alguém, numa reunião, perguntei ao Zé Bernardino: quem é?, enquanto fazia um trejeito, na direcção do meu desconhecido: “Não conheces? É o Lúcio!” Abri os olhos espantado.



Na Casa dos Estudantes do Império
Com Agostinho Neto, Carlos Alberto Mac
Mahon, Ernesto Lara Filho...
COIMBRA, ANOS 1950

Caricatura por António Cruz
Nos tempos da Faculdade.
COIMBRA, ANOS 1950





No Orfeão Académico
Do qual fazia parte Zeca Afonso,
cantor anti-fascista português.
COIMBRA, 1952

Pode-se dizer que foi aí que se começou a forjar a consciência política daqueles jovens que iniciavam deste modo uma caminhada comum que só os distanciaria geograficamente com o início das lutas armadas nos seus respectivos países.

Relata Edmundo Rocha sobre aqueles tempos:

Com um elevado sentido de missão e entrega total, Lúcio Lara atingiu rapidamente elevados patamares de responsabilidade não só nas lides associativas na Secção de Coimbra da Casa dos Estudantes do Império e, depois, no Clube Marítimo Africano, em Lisboa, mas também mais tarde, na perigosa luta clandestina antifascista e, posteriormente, na condução da luta nacionalista.

As mesmas leituras, a troca de ideias e conhecimentos aportados por cada um e a integração na vida política e cultural do meio português em que viviam foram cimentando a identidade de pontos de vista e projectos para o futuro dos seus países.

No Portugal daquele tempo nem tudo era fascismo, antes pelo contrário, para além de organizações políticas de combate ao regime salazarista, com especial realce para o trabalho clandestino do Partido Comunista Português, também nos movimentos culturais e associativos se desenvolviam projectos e acções de resistência ao fascismo e afirmação de valores universalistas e humanistas.

O que poderia parecer uma simples participação em ciclos de cinema organizados por Cine Clubes, onde eram visualizados e discutidos filmes do neo-realismo italiano ou do cinema independente dos Estados Unidos da América, tornava-se um fórum em que o centro do debate era invariavelmente a posição do homem no mundo da época e na vida. É o caso do Coro dirigido pelo maestro Lopes Graça onde a identidade e solidariedade de grupo se confundiam com a cumplicidade da visão comum do mundo. Nem só de canto e solfejo se tratava nas sessões daquele Grupo Coral. Integrando o grupo se encontrava Ruth Pflüger. Lúcio e Ruth conheceram-se no decurso das actividades daquele Grupo.

No ano de 1955 tem lugar o seu casamento, e um ano mais tarde nasceria o seu primeiro filho, o Paulo.

O que nos diz Myre Dores:

Conheci Lúcio Lara em 1955, por intermédio da sua mulher e companheira de sempre, Ruth, então minha colega no Instituto Superior Técnico.

Começámos a conviver nessa época em que eu me encontrava organizado no MUD

Juvenil, de que eles também tinham sido aderentes... Embora nunca mo tivesse dito, eu apercebia-me que o Lúcio estaria ligado a qualquer organização clandestina anti-colonialista.

... As nossas relações eram cada vez mais amistosas e, quando o Paulo nasceu, fui convidado, junto com a poetisa moçambicana Noémia de Sousa, para padrinho do primeiro filho, o que aceitei com muito gosto.

Enquanto decorriam estes aspectos da vida privada de Lúcio Lara, a sua actividade no meio estudantil afirmava-se também. Integra nessa altura o Movimento de Unidade Democrática (MUD-Juvenil) que prosseguia intensa actividade política no campo associativo estudantil e mantinha vínculos muito estreitos com a organização clandestina do Partido Comunista Português. Lúcio Lara chegaria mesmo a participar no Congresso do PCP realizado em 1957. Os laços criados entre os nacionalistas das colónias sob administração portuguesa e os comunistas portugueses viria a permitir ao Partido Comunista o assumir de posições anti-colonialistas claras, assim como viriam a jogar um papel crucial na fuga, em 1962, de Agostinho Neto da situação de prisão domiciliária em que se encontrava em Portugal.

Data de 1951 a criação em Lisboa do Centro de Estudos Africanos que, como nos diz Mário de Andrade, um dos seus fundadores, desempenhou um papel fundamental na “elaboração de um pensamento anti-colonialista”. Destacavam-se nas actividades do Centro, onde se discutia a situação social, política e cultural dos países e povos africanos, jovens como Amílcar Cabral, pela Guiné e Cabo Verde, Agostinho Neto, Mário de Andrade, Humberto Machado e Lúcio Lara, por Angola, Noémia de Sousa, por Moçambique, Alda do Espírito Santo, por S. Tomé e Príncipe, que haveriam de ser os principais animadores das lutas de libertação.

É de realçar a importância que jogou em todo este processo de afirmação o Clube Marítimo Africano, organização social que agrupava os naturais das colónias embarcados no transporte marítimo entre Portugal e o mundo e que permitiam a ligação directa e o correio privado e conspirativo entre as várias parcelas do então império sob domínio administrativo de Portugal. A integração dos estudantes naquele meio de assalariados das companhias de navegação foi tão importante na formação das suas consciências como permitiu o intercâmbio de informações e a ligação entre esse núcleo estudantil e as suas respectivas pátrias.



Formatura de Eduardo Macedo dos Santos

Reconhecem-se, da esquerda para a direita, 1.ª fila a contar de cima: Lúcio Lara (7.º). 2.ª fila: Fernando Costa Campos (3.º), Diógenes Boavida (4.º), Fernando Moreira Simões (6.º), Alberto Vilaça (7.º), João Vieira Lopes (8.º), Guilherme Wilson (9.º). 3.ª fila: Castelo Branco (3.º), Eduardo Santos (4.º), Mário Torres (5.º), Leite “Nana” (6.º). 4.ª fila: Duarte (1.º), Maria Judite Vaz das Mártires (3.º), Maria Antonieta das Mártires (4.º).

COIMBRA, JULHO DE 1952



Casamento

À direita de Ruth, a madrinha,
Maria Helena Novais. Atrás,
Hermann Pflüger e Maria José.
LISBOA, 20 DE JULHO DE 1955

Com Paulo, o seu primeiro filho

Nascido em 1956.
LISBOA, 24 DE FEVEREIRO DE 1957



**Noémia de Sousa,
comadre dos Lara**
Poetisa e nacionalista
moçambicana, uma das
fundadoras do MAC.
ANOS 1980



Coro do Maestro Lopes Graça
Ruth, na primeira fila, a última à direita da foto.
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA, 1953

**Coro de Lopes Graça homenageia
Lúcio e Ruth**
Na comemoração do 6.º aniversário da
Revolução dos Cravos.
LUANDA, 25 DE ABRIL DE 1980



Reencontro de antigos “Marítimos”
Com José Octávio Van-Dúnem “Zito”, Mário Van-Dúnem, Humberto Machado e Milagre Sebastião.



Nome	Residência	Profissão	Estado Civil	Observações
Lúcio				
Ruth				
Humberto Machado				
Noémia de Sousa				
Júlia Machado				
António P. Domingues				
Mário Pinto de Andrade				
Agostinho Neto				

Acta da 3.ª Assembleia do Clube Marítimo Africano
Lúcio e Ruth constam na lista de sócios, junto com Humberto Machado, Noémia de Sousa, Júlia Machado, António P. Domingues, Mário Pinto de Andrade e Agostinho Neto.
LISBOA, 1954

O MANIFESTO

No quadro do trabalho de rotina de pesquisa, catalogação e arquivo dos muitos documentos do acervo de Lúcio Lara, foi encontrado, muito recentemente, um original manuscrito por Viriato da Cruz - em tudo idêntico ao que se conhece e foi publicado na “História do MPLA” (editada pelo MPLA em 2008) - mas sem as observações introduzidas por Mário de Andrade, também sem data, e do qual aqui se reproduzem a primeira e última páginas.

É em nome do MAC – Movimento Anti Colonialista, que estes africanos, a que entretanto se juntara Marcelino dos Santos, de Moçambique e outros, iriam travar lutas comuns nos mais diversos palcos internacionais, denunciando a arbitrariedade do regime colonial português, clamando pela sua extinção.

Entretanto, em Angola, assiste-se ao recrudescimento de acções de carácter clandestino de contestação do regime colonial e aparecem de diversas formações políticas. Como nos relata Lúcio Lara, no primeiro volume de “um amplo movimento...”: *Nessa altura pelo menos quatro movimentos estavam em acção, nomeadamente o Movimento de Independência Nacional de Angola (MINA), o Movimento de Libertação Nacional (MLN) e o Movimento de Libertação de Angola (MLA) e uma UPA que nada tinha da UPA de Léopoldville...*

Na sequência deste aumento de actividades e organizações anti coloniais, assiste-se à crescente repressão por parte das autoridades portuguesas, o que levou à detenção de grande parte dos integrantes das organizações nacionalistas emergentes e ao seu posterior julgamento, naquilo que ficou conhecido como o “Processo dos 50”.

Em 1959, Agostinho Neto termina a sua licenciatura em Medicina. Nesse mesmo dia, casa-se com Maria Eugénia. Lúcio e Ruth Lara são os seus padrinhos. Os laços de camaradagem entre Agostinho Neto e Lúcio Lara perdurarão por todo o tempo vindouro.

Lúcio Lara deixa Portugal em 1959 e fixa residência temporária em Frankfurt (Alemanha Ocidental). É também nesse mesmo ano que Agostinho Neto regressa a Angola, onde, alguns meses depois viria a ser preso e deportado para Cabo Verde. Assiste-se

O desenvolvimento das forças fundadoras das formações por
de capitalismo de transição — desenvolvimento com base na
dinâmica de progressos técnicos ocorrida por toda a Europa
nossa, através dos séculos — levou a uma política essencial
à formação de unidades para os seus fins. Mas ao mesmo
tempo surgiram necessidades de maior unidade de Estado e por
de estruturas particulares das forças capitalistas europeias,
e daí a origem de políticas (estabelecimento econômico)
e reformas nas partes africanas.

O mesmo processo das forças fundadoras, a maior
necessidade de unidade e a vontade de forma das revoluções,
e o aumento da intervenção entre as forças capitalistas
das forças em forma de unidades, levaram a uma
forma de unidade econômica das partes africanas, e a consequente
de estruturas africanas e a subjugação das partes africanas.
Esta forma de unidade econômica transformou-se
em toda a África em relação à sua forma de produção.

Mas ainda, a importância crescente da unidade form
de relações e países dependentes com o fim de maior
exploração dos frutos de matérias preciosas, e a consequente
de relações de exploração e de dominação econômica entre
africanos entre o mundo, a transformação de relações
em um imperialismo, etc. e a transformação de re-
lações em relações mundiais de exploração colo-
nial e de exploração econômica da América por a
via de exploração do mundo por forças imperialistas,
etc. etc., dividiram o mundo em dois campos, e
foram a origem das forças fundadoras imperialistas, capitalistas
e africanas, e o aumento crescente das relações
e das forças econômicas que não obtemper a luta
para a libertação de forças imperialistas. Diante

...em princípios de 1957 são-nos enviados dois
documentos de Luanda com o recado de maior sigilo
até que alguém viesse de Luanda explicar o seu
alcance. Trata-se (...) de um Manifesto recebido(s)
das mãos do marítimo António Rodrigues. (...) E
assim ficamos a aguardar melhores esclarecimentos
de Luanda”

[LÚCIO EM UM AMPLO MOVIMENTO..., VOL. I, PÁG. 22, 1997]



**Vinte e seis dos nacionalistas presos no
 “Processo dos 50”**

Amadeu Amorim, André Mingas, Manuel dos Santos Júnior, Gabriel Leitão, João Lopes Teixeira, António Contreiras da Costa, Luis Rafael, Carlos Alberto Van Dunem, Fernando Pascoal da Costa, Nobre Dias, Mário António de Oliveira, Carlos Aniceto Vieira Dias, Higino Aires, Florêncio Gamaliel Gaspar, Noé da Silva Saude, Pascoal Gomes de Carvalho Júnior, Belarmino Van Dunem, José Manuel Lisboa, Francisco José Pereira Africano, António Pedro Bengue, Sebastião Gaspar Domingos, Joaquim Figueiredo, Garcia Lourenço Contreiras, Helder Neto, Julieta Gandra e António Guilherme de Matos Veloso.

[TIRADO DO ARQUIVO DE LÚCIO LARA]

Hídio Machado

Foi o indigitado para ir a Lisboa explicar o significado do Manifesto, tendo sido, entretanto, preso à chegada, em finais de 1957.



a uma nova vaga de prisões de nacionalistas, de entre os quais se destaca a de Joaquim Pinto de Andrade.

O processo de estruturação do movimento político torna-se mais esclarecido com a reunião em Paris e em Frankfurt das principais figuras do movimento nacionalista angolano no exílio: Mário de Andrade, Lúcio Lara e em especial Viriato da Cruz, que saíra de Angola já em fase posterior à dos dois primeiros e que assistira, participara e dirigira importantes correntes e iniciativas organizativas do nacionalismo no interior do país. E é o Manifesto, de que Viriato é o autor, que irá servir de base à concepção estruturante do movimento, assim como suscitar o nome e a sigla do Movimento Popular de Libertação de Angola - MPLA.



Com os sogros Lotte e Herman Pflüger e o cunhado Fernando

Em Portugal, na Alemanha e em França, os sogros serviram de elo de ligação entre os nacionalistas angolanos e das principais colónias portuguesas.

Apoiariam também a família financeiramente ao longo da luta de libertação.

PARIS, 1959



Com Viriato da Cruz e o casal Bouvier

“O que tenho a dizer a teu respeito, de um modo geral, foi o que já tive ocasião de manifestar: considero-te, desde o primeiro contacto pessoal, um homem sério, com um comportamento adulto e capaz de se dedicar, seriamente, com senso de responsabilidade, à causa que esposa. A tua presença activa neste combate, que se vem revelando, desde o início, duro (como era de esperar) é necessária e indispensável, como de resto prova o que já foste capaz de fazer.”

[CARTA DE 29 DE OUTUBRO DE 1959 DE VIRIATO DA CRUZ A LÚCIO LARA]



Estadia em Frankfurt

As tias de Ruth acolhem a família Lara durante cerca de seis meses.

FRANKFURT, 1959



Preparando o regresso ao continente africano

Estadia de dois meses na antiga República Democrática Alemã, reunindo meios para se instalar no Ghana com a família.

FURSTENWALD, 1959

“Trabalhar como carregador numa fábrica é uma experiência de que poucos universitários se poderão orgulhar?”

[CARTA DE 17 DE JULHO DE 1959 DE LÚCIO A RUTH]



Ruth Pflüger Lara

“O Viriato pôs há tempos o problema de serem incorporados no MAC tipos como a Ruth e o Horta, numa secção especial de propaganda e informação. Eu estou de acordo com esta medida que não vai muito contra o que ficou decidido a este respeito na sede (a malta não africana seria incorporada com a maior das cautelas, depois de prestadas provas suficientes de interesse e honestidade, embora em princípio estivesse excluída a hipótese de se lhes confiarem cargos de direcção).”

[CARTA DE 14 DE NOVEMBRO DE 1959, DE LÚCIO LARA A MÁRIO DE ANDRADE]

Carlos Rocha (mais tarde “Dilolwa”)

“Quanto ao Rocha, o moço é mesmo interessante e ousado. Apesar das dificuldades, não quer voltar para o Jardim onde tem uma bolsa para estudar Medicina. Tem um bom fundo patriótico, e creio que com o tempo virá a ser um bom elemento.”

[CARTA DE 8 DE NOVEMBRO DE 1959, DE LÚCIO LARA A VIRIATO DA CRUZ]



Viriato da Cruz

“Eu admiro em ti um lutador experiente, com uma experiência adquirida à tua própria custa, dos mais honestos, um verdadeiro patriota. Tens de muitos problemas a visão que nos falta, aos que abandonámos há anos a Pátria. Tens o amadurecimento no seio do povo, que é a melhor escola que pode desejar quem luta por causas como a nossa. Mas não deixarei de te dizer que muitas vezes és parcial na maneira de analisar certos problemas, sobretudo quando eles dizem respeito aos teus irmãos que não se forjaram na mesma forja que tu. Isso não quer dizer nada de especial. Isso poderá ser mesmo a razão de um dia nos podermos corrigir melhor uns aos outros, naquilo em que for necessário.”

[CARTA DE 8 DE DEZEMBRO DE 1959,
DE LÚCIO LARA A VIRIATO DA CRUZ]



AS “PORTAS AFRICANAS”

EM Abril de 1959, realiza-se em Roma a 2.^a Conferência de Escritores e Artistas Negros, em que participam, por Angola, Mário de Andrade, Viriato da Cruz e Lúcio Lara.

Sobre essa Conferência, comenta Lúcio Lara:

No decurso do Congresso, os angolanos foram procurados por Franz Fanon... Assim marcámos um encontro numa cave de um pequeno café de Roma, onde Fanon, em nome do GPRA (Governo Provisório Revolucionário da Argélia) nos propôs a possibilidade de treinar onze jovens angolanos em táctica de guerrilha, devendo nós fazê-los chegar a Marrocos ou à Tunísia.

O regresso a África dos nacionalistas angolanos exilados impunha-se. A primeira “porta a abrir-se” foi Marrocos. Lúcio Lara e sua família viajam para este país norte africano, cujo apoio político e material foi importante e que, mais tarde, se estenderia também ao campo militar com o treinamento dos primeiros contingentes que viriam a constituir-se em Exército Popular de Libertação de Angola.

Só em 1960, por ocasião da II Conferência



2.ª Conferência dos Escritores e Artistas Negros

Viriato da Cruz com o brasileiro Campo de Oliveira, e os congoleses Makoso, Mário Cardoso e Claude Mafema.

ROMA, MARÇO DE 1959

2.ª Conferência Panafricana

TUNIS, JANEIRO DE 1960



2.ª Conferência Panafricana

Com Hugo de Menezes
e Viriato da Cruz,
representando Angola.

TUNIS, JANEIRO DE 1960

*“A decisão que tomámos
de ir para Tunis ‘abrir as
portas africanas’ terá sido,
sem o sabermos, uma decisão
histórica porque realmente
abrimos essas portas que (...)
emperravam”.*

[LÚCIO LARA EM *UM AMPLO
MOVIMENTO...*, VOL. I, PÁG. 238,
1997]



Panafricana em Janeiro, em Tunis, os seus vários integrantes decidem aparecer como estruturas autónomas: o MPLA, o Partido Africano para a Independência – PAI – mais tarde PAIGC, e o Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe – CLSTP.

Para que não se perdesse a unidade de pensamento e de acção que os ligava desde a época do Centro de Estudos Africanos e depois do MAC, decidiram transformar este movimento numa Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional (FRAIN) com o objectivo de “coordenar as iniciativas de carácter internacional”.

A FRAIN terminou quando os movimentos de libertação decidiram criar uma outra organização, a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), na sequência de um encontro dos nacionalistas de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Goa, efectuado em Casablanca (Marrocos) em Abril de 1961.

Nas palavras de Mário de Andrade, esta organização “era o quadro de elaboração de uma concepção unitária do combate de libertação nacional” assim como de “clarificação ideológica, semelhança programática, promoção da unidade africana, do não-alinhamento”, entre outros aspectos de harmonização da diplomacia militante e progressista.



Estadia em Marrocos

Saído da Alemanha, Lúcio Lara chega a Marrocos com a família, onde é hospedado por Mehdi Ben Barka, líder da União Marroquina do Trabalho (UMT), antes de seguir para Conakry e para Brazzaville.

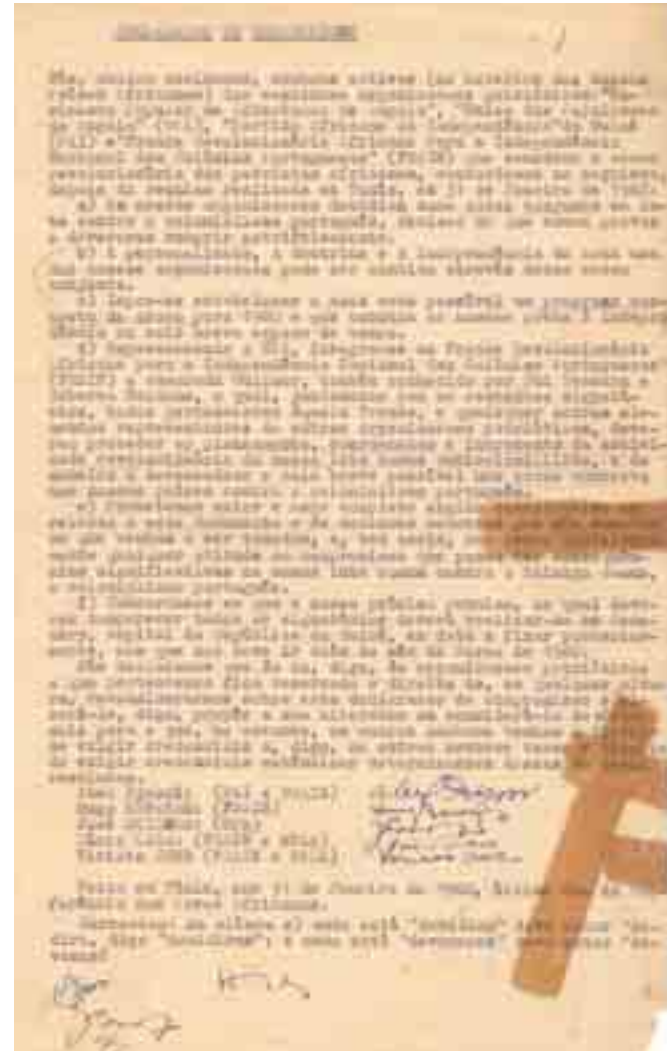
CASABLANCA, FEVEREIRO DE 1960



Rei Hassan II de Marrocos e Presidente Ben-Bella da Argélia
Principais apoiantes africanos da luta anti-colonial
1962



Com Aquino de Bragança, Desidério Costa, Amílcar Cabral e Daniel Chipenda
A. de Bragança já residia em Marrocos e desempenhou um importante papel de apoio aos nacionalistas das colónias portuguesas que por ali passavam.
MARROCOS, ANOS 1960



Declaração de Compromisso da FRAIN, PAI, MPLA e UPA

Assinada por Abel Djassi, aliás Amílcar Cabral, Hugo de Menezes, José Guilmore, aliás Holden Roberto, Lúcio Lara e Viriato da Cruz.

TUNIS, 31 DE JANEIRO DE 1960



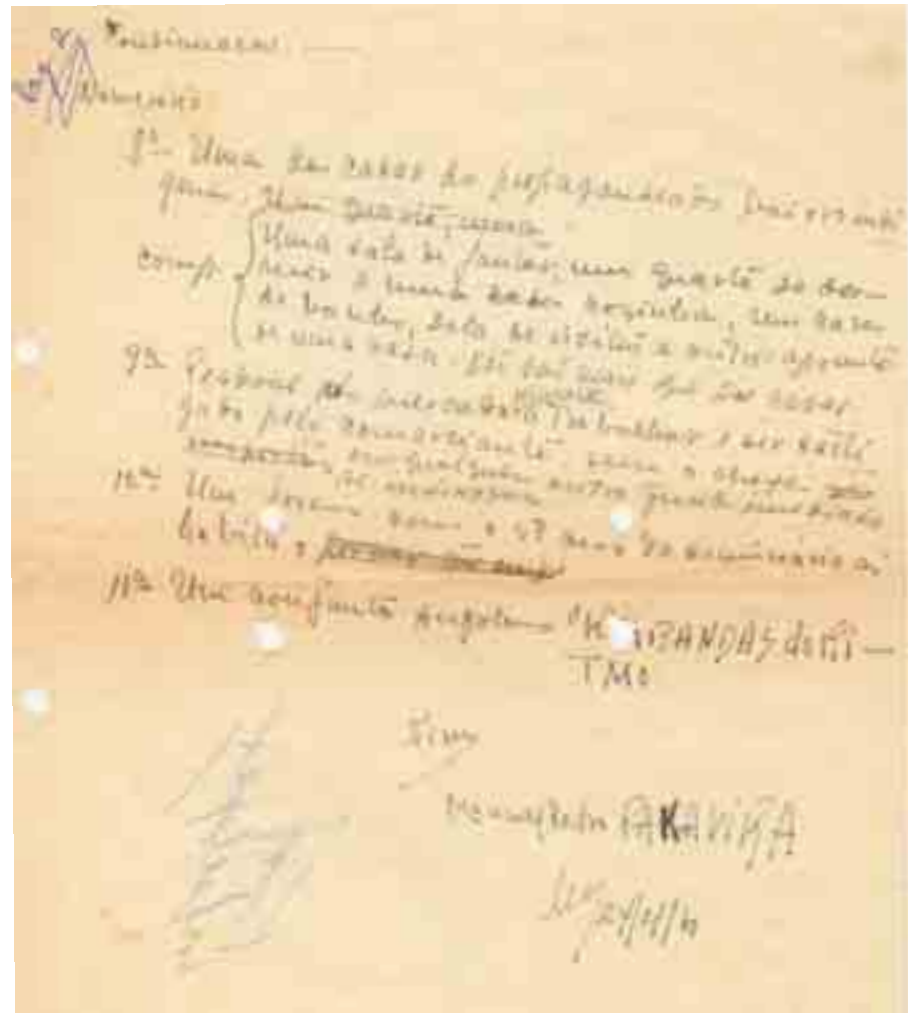
Ruth e Paulo com Wanda
A segunda filha, recém-nascida.
CONAKRY, 1961

Após a Conferência de Tunis, parte dos quadros do MAC instala-se em Conakry, abrindo-se deste modo novas portas no Continente.

Em Abril de 1960, Lara desloca-se ao Congo-Brazzaville para se encontrar com Manuel Pedro Pacavira, enviado por Agostinho Neto, criando-se deste modo um importante elo entre os grupos que se congregaram no Mpla em Angola e a sua estrutura no exílio. Depois deste encontro, sob a direcção de Agostinho Neto, foi criada a primeira direcção do MPLA em Luanda. Poucos meses depois, assiste-se a uma nova vaga de prisões que atingiu praticamente toda a recém-criada direcção do Movimento.

O primeiro Comité Director do MPLA, constituído em Conakry em 9 de Julho de 1960 integrava Mário de Andrade (Presidente e responsável pelas Relações Exteriores), Viriato da Cruz (Secretário Geral), Lúcio Lara (Defesa e Segurança), Luís de Azevedo, Matias Miguéis, Eduardo Macedo Santos (Serviços Sociais) e Hugo de Menezes (Informação e Cultura).

Foi também constituído um Presidium de Honra, com Agostinho Neto como Presidente, Ilídio Machado como Vice-Presidente e integrando ainda 16 outros nacionalistas.



Notícias chegadas de Luanda

Cenas da vida nos musseques da cidade e o agrupamento "Kimbanda do Ritmo", entregues a Lúcio Lara por Manuel Pedro Pacavira.

BRAZZAVILLE, 1960



Casa, sala de trabalho e primeiro carro da família Lara
Após uma estadia de dois meses em Marrocos, Ruth e o filho chegam à Guiné em meados de Abril de 1960, tendo-se alojado inicialmente em casa de Hugo e Lassalette de Menezes.

CONARRY, 1960

“A Ruth trabalha para uma agência noticiosa da República Democrática Alemã. (...) Até já armamos em capitalistas e compramos um VW em não sei quantésima mão, mas que nos faz o favor de nos rebocar para onde é preciso e quando é preciso. Foi baratucho, mas mesmo assim ainda não o pagámos todo.”

[CARTA DE 25 DE NOVEMBRO DE 1961, DE LÚCIO A ANTÓNIO NOGUEIRA SANTOS “TONI”]





“Quarto” de Viriato da Cruz
Em casa de Hugo de Menezes.

CONAKRY, AGOSTO DE 1960



**Primeiro Comité Director
do MPLA no exterior**

Hugo de Menezes, Eduardo Santos,
Lúcio Lara, Mário de Andrade,
Matias Miguéis e Viriato da Cruz.

CONAKRY, AGOSTO DE 1960



Ano Novo

Com Ruth e Paulo Lara,
Viriato e Eugénia da Cruz,
Américo e Conceição Boavida,
Eduardo e Maria Judith dos
Santos, Hugo e Lassaete de
Menezes, Miguel e Helena
Trovoada e Amílcar Cabral.

CONAKRY, 1 DE JANEIRO DE 1961



No «Liberation Center»

Lara aguarda cinco semanas para ser recebido pelas autoridades do Ghana e regressa a Conakry sem o conseguir.
ACCRA, JUNHO/AGOSTO DE 1960



Com Deolinda Rodrigues e Serafina Assis

ACCRA, ANOS 1960
“À procura de um nome para a OMA”.

[ANOTAÇÃO DE L.L. NO VERSO DA FOTO]

Sékou Touré, Kwame Nkrumah e Felix Moumié
Presidentes da Guiné-Conakry, do Ghana e da União das
Populações dos Camarões (UPC).
CONAKRY, 1960



No “African Affairs Center”

Com Isaac Tshumba e Thomas “Costa”, militantes da UPC.

“Depois das desilusões com o Ghana e com a Guiné Conakry, sentimos enfim a solidariedade africana que veio da União das Populações dos Camarões – UPC, cujos líderes eram Félix Roland Moumié e Um Niobé. A UPC pagou-nos o bilhete de avião e emprestou-nos dinheiro que nos permitiu ir até ao Congo encontrar Pacavira”.

[LÚCIO LARA, *UM AMPLO MOVIMENTO...*, VOL. I, PÁG. 334, 1997]





*Anos da Luta
de Libertação Nacional (1961-1974)*

pelo povo, todos ao ataque



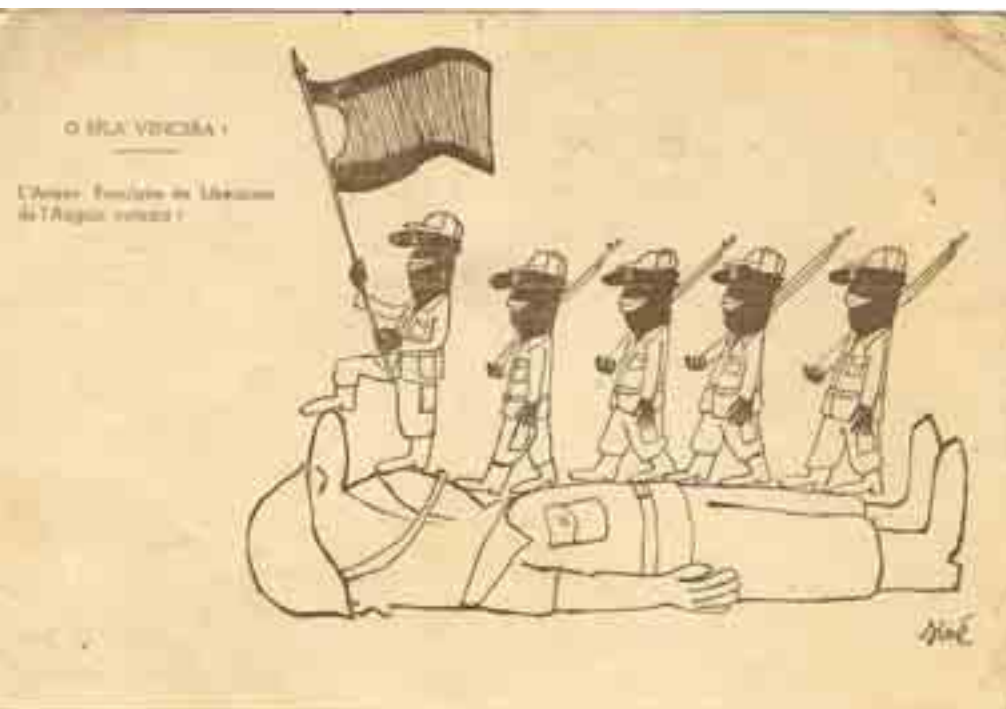
*E*M 1961, têm lugar a 4 de Fevereiro e a 15 de Março dois dos mais importantes acontecimentos da história de Angola: primeiro, as acções armadas de ataque a instituições do regime colonial, tentando libertar presos políticos, e de seguida, o levantamento popular na região norte do país.

Embora, antes desses acontecimentos, grande fosse o esforço do pequeno grupo de dirigentes que no exterior de Angola procuravam levar ao conhecimento da comunidade internacional a situação do país ocupado, denunciando as características mais violentas do regime colonial, o eclodir das acima referidas rebeliões armadas veio dar uma nova dimensão à repercussão internacional da questão colonial, assim como internamente se iniciava uma fase irreversível do processo de libertação nacional: a luta armada.

Após o seu encontro com Manuel Pedro Pacavira, Lúcio Lara regressa a Conakry.

Com o início da luta armada de libertação, impunha-se ao núcleo dirigente do MPLA, que entretanto se instalara em Conakry, a aproximação geográfica ao teatro das acções armadas que aí se desenvolviam.

Data de Setembro de 1961 a chegada a Léopoldville da primeira delegação do Comité Director do MPLA. Como relata Lúcio Lara “antes da chegada de qualquer representante do MPLA, já havia um núcleo muito activo de simpatizantes do nosso Movimento, animado pelo camarada José Bernardo Domingos, que tinha pertencido aos grupos organizados em Luanda por Agostinho Neto”.



O Povo Angolano Vencerá

Postais com ilustrações evocativas do início da luta armada em Angola, pelo ilustrador francês Maurice Sinet, “Siné”.

1961

O trabalho político ou de intervenção assistencial através do CVAAR (Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados), e especialmente a implantação de uma retaguarda de apoio aos grupos de guerrilha do interior, foi tudo menos pacífica naquele território congolês.

Viragem histórica na luta do MPLA pela libertação nacional tem lugar com a chegada de Agostinho Neto, até então sob prisão e posterior residência fixa em Portugal.

Uma das primordiais tarefas do MPLA naquele momento foi a de treinamento de quadros militares para enquadramento dos guerrilheiros e constituição das futuras forças de guerrilha.

Os primeiros grupos foram treinados no Marrocos e junto da FLN da Argélia. Esses grupos iriam dar origem à estrutura militar designada EPLA – Exército Popular de Libertação de Angola.



Inauguração do CVAAR
O Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados foi criado no Congo-Léopoldville por iniciativa do MPLA.

Da esquerda para a direita: Eduardo Macedo dos Santos, um governante congolês, Luís de Azevedo, Domingos da Silva, Carlos Pestana Heineken "Katiana" e Mário Afonso de Almeida "Kasesa".

LÉOPOLDVILLE, 21 DE AGOSTO DE 1961



Membros do Comité Director do MPLA

Recém-chegados ao Congo: João Vieira Lopes, de pé, e Hugo de Menezes, Eduardo Santos e Luís de Azevedo.

LÉOPOLDVILLE, AGOSTO DE 1961

Para MARIO LIMA
Membro do Comité Executivo
do Movimento Popular de Libertação de Angola
LUSITANIA

ESTIMADO AMIGO:

Escrevi a esta carta em 7 de Junho, e não posso não manifestar-lhe a minha esperança que as suas palavras, tanto quanto as do movimento, se a não são limitadas de outras opiniões. Isto poderá parecer significar alguma vantagem e tanto de acordo que entrassem a situação para melhor situação.

As minhas opiniões que se referem (de acordo) com as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação.

Das ideias que fui ouvindo a libertação superior de um certo, mas agora eu tenho de me que a situação foi aquela que eu tinha e que tinha a sua opinião.

As minhas opiniões e ideias que se referem a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação.

As minhas opiniões e ideias que se referem a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação.

10

Esta que se refere, com frequência, a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação.

Das ideias que fui ouvindo a libertação superior de um certo, mas agora eu tenho de me que a situação foi aquela que eu tinha e que tinha a sua opinião.

As minhas opiniões e ideias que se referem a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação.

As minhas opiniões e ideias que se referem a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação, que podem ser consideradas como as suas opiniões sobre a situação de preparação para a luta de libertação.



**Carta de Álvaro Cunhal
Sobre os preparativos da evasão
de Agostinho Neto.**

5 DE JUNHO DE 1962



PCP solidário com Angola
Com Álvaro Cunhal, 19 anos depois de 1962,
num comício do Partido Comunista Português,
de solidariedade com Angola.

PORTUGAL, JUNHO DE 1981



**Visita de Agostinho Neto e
Mário de Andrade a Marrocos**

Entre os demais, vêem-se Moisés Cardoso “Kamy” (1.º de joelhos), Bernardo Suka-Hata (4.º de joelhos), Floribert Monimambo (à direita de A. Neto), Ciel da Conceição “Gato” (à esquerda de M. de Andrade).

KASBATADLA, JULHO DE 1962



Neto chega a Léopoldville no 2º semestre de 1962. Aí imperava a hegemonia da UPA, já transformada em FNLA, movimento nacionalista angolano com grande implantação local e apoio da população bakongo e dos dirigentes políticos do Congo. As origens do MPLA, a sua direcção formada essencialmente por intelectuais e, principalmente, a inclusão no seu seio de angolanos mestiços, foram utilizadas velada ou abertamente pela UPA para impossibilitar a acção do MPLA naquele território. A tentativa de resposta da então direcção deste movimento de fazer “recuar da Direcção” os elementos mestiços tinha como mentor principal o Secretário-Geral Viriato da Cruz, tendo em Maio desse ano o Comité Director sido “expurgado” dos militantes demasiado claros, dentre eles o próprio Viriato da Cruz. Lúcio Lara também é excluído.

Na Conferência Nacional realizada em Dezembro de 1962, já com a presença de Agostinho Neto, volta-se a afirmar que o MPLA “não tolerará o tribalismo, o regionalismo ou a intolerância racial, nem as distinções de carácter político e religioso”. É a ruptura com o “recoo táctico” preconizado por Viriato da Cruz e a constituição dum primeiro Comité Director saído de uma Conferência Nacional, que passa a ter Agostinho Neto como seu Presidente. Lúcio Lara volta a integrar a direcção, na qualidade de Chefe do Departamento de Organização e Quadros.

A cisão na direcção do Movimento resultante das posições defendidas na Conferência Nacional, a muito difícil circulação de militantes e militares no território do Congo-Léopoldville, a obstrução levada a cabo pela UPA às acções do MPLA, chegando



Conferência de Agostinho Neto

Da esquerda para a direita: Luís de Azevedo, Graça da Silva Tavares e José Bernardo Domingos “Quioza”.

LÉOPOLDVILLE, 10 DE AGOSTO DE 1962

mesmo ao ponto de liquidação física de contingentes militares deste movimento, e as acções nos bastidores políticos africanos de então que levaram ao reconhecimento exclusivo do GRAE (Governo Revolucionário Angolano no Exílio) como organização combatente, tornaram impossível a continuidade da acção política e militar do MPLA naquele território e a partir dele.

O que fazer?

1.ª Conferência Nacional do MPLA

Em baixo: Comité Director reunido após a 1.ª Conferência;

Em cima, da esquerda para a direita:
F. Heliodoro, Agostinho Neto,
Guilhermina de Assis, Soba Miguel,
José B. Domingos “Quioza”, e
Luciengue;

Em baixo, à direita, da esquerda para a
direita, nas duas primeiras filas:
José Miguel, Gentil Viana, Manuel
Videira, Matias Miguéis, Carlos
Pestana Heineken “Katiana”,
Luís Miguel, Mário de Andrade;
encostados à parede: Maria Judith
Santos e Lúcio Lara.

LÉOPOLDVILLE, DE 1 A 3 DE DEZEMBRO DE 1962





Visita Argelina e Marroquina de Solidariedade ao MPLA

Comandante Kaid Ahmed “Slimane”, presidente da Comissão de Relações Exteriores da Assembleia Nacional da Argélia e M. Larhizi, enviado do Rei do Marrocos, visitam o quartel do EPLA.

Na foto da direita: Slimane, Domingos da Silva, Larhizi, Américo Boavida, Mário de Andrade e Manuel Lima.

LÉOPOLDVILLE, BINZA, 27 DE JANEIRO DE 1963



Encerramento do 1.º Curso da Escola de Quadros do MPLA

Com, da esquerda para a direita: Luís Miguel, Mário de Andrade e Maria Luísa Gaspar.

LÉOPOLDVILLE, MARÇO DE 1963



O MPLA, expulso de Léopoldville em Novembro de 1963, instalou-se em Brazzaville. Este facto facilitou a rápida reorganização do Movimento e a abertura de uma frente militar em Cabinda, que passaria a ser chamada a “II Região Político-Militar”. Foi possível levar a cabo ataques de guerrilha a objectivos militares, mas não uma actividade de envergadura. Não obstante, graças ao apoio activo, político e diplomático oferecido pelas autoridades de Brazzaville, o Movimento procurou fazer de Cabinda uma sólida frente de treinamento e combate, para os quais o suporte de retaguarda, com especial realce para o campo em Dolisie, foi determinante.

Em Janeiro de 1965, uma delegação cubana, dirigida por Ernesto Che Guevara visita as instalações do MPLA em Brazzaville e mantém importantes encontros com os seus dirigentes. Na sequência dessa visita, alguns meses mais tarde, viria a integrar o Movimento um grupo de instrutores militares cubanos.

Um dos mais realistas testemunhos do que sucedia na 2.ª Região Político-Militar é-nos fornecido por Rafael Moracén Limonta:

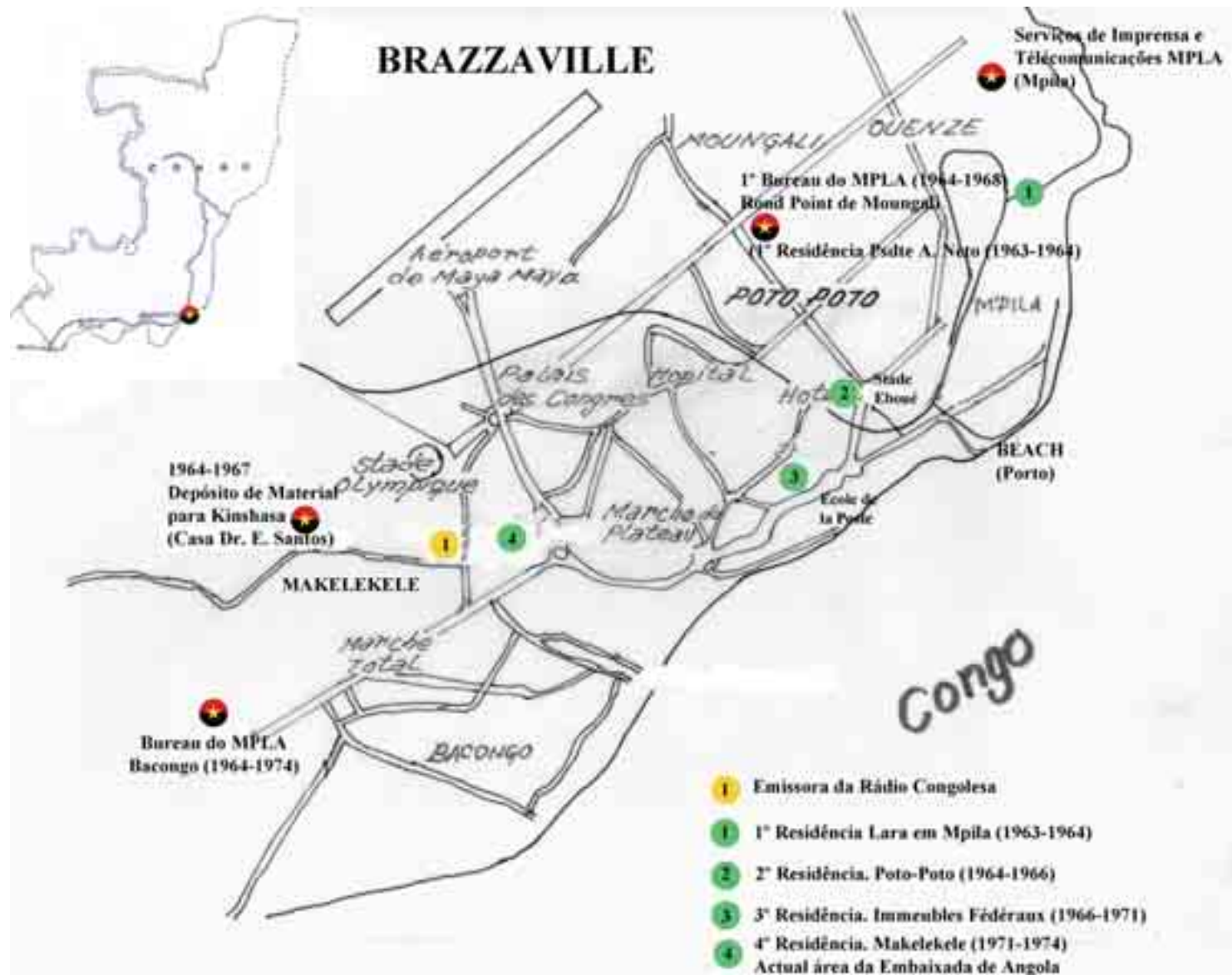


Com Ruth, Paulo, Wanda e Bruno
Terceiro filho, nascido em 1965.
BRAZZAVILLE, POTO-POTO, ABRIL DE 1965

Conheci Lúcio Lara em Maio de 1965. Ele encabeçava o grupo de dirigentes que recebeu o primeiro grupo de cubanos (6) que integraram o MPLA na sua luta contra o colonialismo português pela independência de Angola.

... (Lara) preocupava-se e ocupava-se com a alimentação dos combatentes e o mérito desta actividade em que tudo era muito limitado consistia na necessidade de repartir o pouco existente com muita equidade, porque o que havia não chegava para todos. Preocupava-se com o estudo das crianças e dos adultos, era grande defensor dos C.I.R. (Centros de Instrução Revolucionária) e posso dizer que o CIR de Dolisie era famoso pela sua organização, disciplina e atenção da sua direcção, sob as mãos de Lúcio Lara.

... posso dizer que, como chefe dos instrutores cubanos, participei na preparação daquelas colunas Camilo Cienfuegos, Cami e Ferraz Bomboco e o exemplo e contribuição de Lúcio Lara foram fundamentais e a história regista aqueles passos como um grande avanço para derrotar o exército colonial...



Esquema da cidade de Brazzaville
Localização das primeiras instalações
do MPLA e das residências da família Lara entre 1963 e 1974.
[AUTORIA DE PAULO LARA E JOSÉ CAMPOS]

Residências da Família Lara em Brazzaville



Foto: L. Lara

Entre 1971 e 1974

MAKELEKELE



Foto: R. Lara

Entre 1966 e 1971
Ruth e Bruno na
varanda, 2.º andar
direito.

IMMEUBLES FÉDÉRAUX



Entre 1964 e 1966

Visita de Boso, à
esquerda, com António
Macedo “Certa” e os
jovens José da Silva
“Zezinho” (sobrinho de
Garrido) e Júnior (filho
de Cadete).

POTO-POTO, 1965

Conferência de Quadros do MPLA

Entre os participantes, reconhece-se, à esquerda: Domingos da Silva (4.º), Agostinho Neto (5.º), na mesa: Rodolfo Morais, Matias Buty, Maria da Rocha, Eduardo Macedo dos Santos, Francisco Ramos Barros; à direita: Lourenço Ferreira “Diandengue” (1.ª fila), Filipe Floribert “Monimambo” (4.ª fila), Benigno Vieira Lopes (5.ª fila).

BRAZZAVILLE, 3 DE JANEIRO DE 1964



Fotos: L. Lara

Visita de uma delegação da URSS aos escritórios do MPLA

Iko Carreira, Miranda Marcelino, Domingos da Silva, Luís de Azevedo, Domingos Oliveira, António Miguel Baya, Jacques Capache e Petr Evsyukov “Pedro”.

BRAZZAVILLE, ROND POINT DE LA PAIX, 1965



Entoção do Hino do MPLA pelos Kudianguelas

O professor Pedro Timóteo e os pioneiros, da esquerda para a direita, e de trás para a frente: 1.ª fila – Solange Machado (1.ª), Jean-Jean Morais (2.º), Chico Machado (3.º), Ana Paula Machado (4.ª), Nene Morais (5.º), Aníbal Teixeira da Silva (6.º); 2.ª fila – Paulo Lara (1.º), Armanda Conceição (3.ª), Júnior Cadete (4.º), José da Silva (5.º), Jacques Capache (6.º), Catarina “Suporta” (7.º); 3.ª fila – Domingos “Veneno” (1.º), Fatita Capache (3.ª), Natália Conceição (5.ª), Ana Maria Machado (6.ª).

BRAZZAVILLE, 4 DE FEVEREIRO DE 1964

Para los militantes de la revolución cubana, un conjunto de hechos narrados aquí, que no reemplazan a los hechos. Espero que haya servido para algo esta experiencia. Viva Angola Libre. Che

A Camilo

Este trabajo pretende colocarse bajo la advocación de CAMILO CIENTUEGOS, quien debía leerlo y corregirlo pero cuyo destino le ha impedido esa tarea. Todas estas líneas y las que siguen pueden considerarse como un homenaje del Ejército Rebelde a su gran Capitán, al más grande jefe de guerrillas que dio esta revolución, al revolucionario sin tacha y al amigo fraterno.

Camilo fue el compañero de cien batallas, el hombre de confianza de Fidel en los momentos difíciles de la guerra y el...



Fotos: L. Lara



Che Guevara visita os escritórios do MPLA

Manuel Alexandre Rodrigues "Kito", Jorge Serguera (embaixador de Cuba em Argel), Ernesto "Che" Guevara, António Macedo "Certa", Carlos Rocha "Dilolwa", Miguel Capache, Claude Ernest Ndala-Graye (ministro congolês) e Agostinho Neto.

BRAZZAVILLE, 2 DE JANEIRO DE 1965

Livro "Guerra de Guerrilla"

O autor autografa o exemplar de Lúcio Lara:
"Para los militantes de la revolución cubana, un conjunto de hechos narrados aquí, que no reemplazan a los hechos. Espero que haya servido para algo esta experiencia. Viva Angola Libre. Che".

BRAZZAVILLE, 2 DE JANEIRO DE 1965



Reunião alargada de dirigentes do MPLA

Joaquim Cardoso “Janguinda”, Miguel Timóteo, Daniel Chipenda, Agostinho Neto, Iko Carreira, Domingos da Silva e Luís de Azevedo.

DOLISIE, 19 A 22 DE FEVEREIRO DE 1966



Com Domingos da Silva

Vice-Presidente do MPLA e Coordenador da Comissão Directiva Político-Militar da 2.ª Região Militar.

MARÇO DE 1966



Em Dolisie

“Lúcio Lara era Comissário Político Geral da Comissão Militar, 1.º Substituto da Comissão Directiva da 2.ª Região Militar e membro da Comissão Especial do Comité Director”.

[TIRADO DA HISTÓRIA DO MPLA “INFORMAÇÃO CONFIDENCIAL DE 26.02.1966 APÓS A REUNIÃO ALARGADA”]

Fotos: L. Lara



Tipografia do MPLA

Para além do boletim “Vitória ou Morte”, mais tarde “Vitória é Certa”, publicava cartilhas e panfletos. Nas mesmas instalações ficava o Centro Fixo de Telecomunicações da 2.ª Região Militar.

BRAZZAVILLE, BAIRRO MPILA, 1966

Angola presente nos 1º Jogos Africanos

É representada pelo MPLA. Na foto, “Pirolito”, condutor, Zizi Baia e Maria Cecília enfermeiras. “*L’Angola Combattante au Service des Premiers Jeux Africains*”.

BRAZZAVILLE, 18 DE JULHO DE 1965



Foto: Costa Andrade



Constituição da União dos Estudantes Angolanos, UEA

Atrás, da esquerda para a direita: Fernando Chaves (4.º), Zengo (5.º), Alves Monteiro “Tiko” (6.º), Garcia Bires (7.º), Maurício Barros (8.º), Lili (esposa de Ismael Gaspar, 9.ª), Nsingui Barros (11.º), Ana Wilson (12.ª), Isaac Moisés (14.º).

À frente: Rui de Sá “Dibala” (1.º), Samuel Bernardo Miguel “Samy” (2.º), Deolinda Rodrigues (5.ª), Brito Sozinho (6.º), Filipe Amado (7.º), Jesus Passos (8.º) e Fernando Brica (9.º).

BRAZZAVILLE, 17 DE SETEMBRO DE 1966



Operação Macaco

Rafael Moracén, Manuel Jacas (médico), Reinaldo Veítia, Jorge Barthelemy e Fernando Galindo, internacionalistas cubanos, com Santana André Pitra “Petroff” e Rui de Sá “Dibala” .

Em Baixo:

Coluna em Marcha

À frente, o ghanês Kodjo Tshikata “Silva” .

2.ª REGIÃO, ZONA A, DEZEMBRO DE 1965

Fotos: L. Lara





Foto: L. Lara

Operação Macaco
Kodjo Tshikata “Silva”, à direita, com cigarro.
2.ª REGIÃO, ZONA A, DEZEMBRO DE 1965

AS REGIÕES POLÍTICO-MILITARES

Retoma-se aqui o relato de Rafael Moracén Limonta:

...Do ano de 1965, recordo-me que, no fim desse ano em Dezembro, realizou-se uma operação designada “Operação Macaco” de que muito se falou naquela época. Parecia ter sido um tremendo êxito mas, na realidade e do ponto de vista militar, não teve repercussão muito positiva. Politicamente foi de grande importância e foi a primeira vez que angolanos e cubanos se juntaram para realizar aquela operação.

...Lúcio Lara participou nessa operação e, como todos nós, fez o que lhe cabia naquela acção. Ninguém, dos que participaram naquela operação, saiu muito satisfeito

com os seus resultados...o que pretendo ressaltar aqui é a serenidade e equanimidade de Lúcio Lara perante os magros resultados da acção e a sua disposição em seguir em frente. Por isso o qualifico como um dos estrategas mais firmes e lutadores...

É a partir dessa frente que são sucessivamente constituídos grupos de combatentes, destacamentos ou colunas, com o objectivo de se infiltrarem no território angolano atravessando o Congo-Léopoldville, com o objectivo de atingirem a “1ª Região Político-Militar”, onde outros grupos de guerrilha do MPLA resistiam às violentas acções militares de repressão levadas a cabo pelo exército colonial.



Foto: Paulo Lara

Reencontro com Rafael Moracén e Kodjo Tshikata

Com Venâncio Moura, recebendo os internacionalistas, cubano e ghanês, 32 anos depois da “Operação Macaco”.

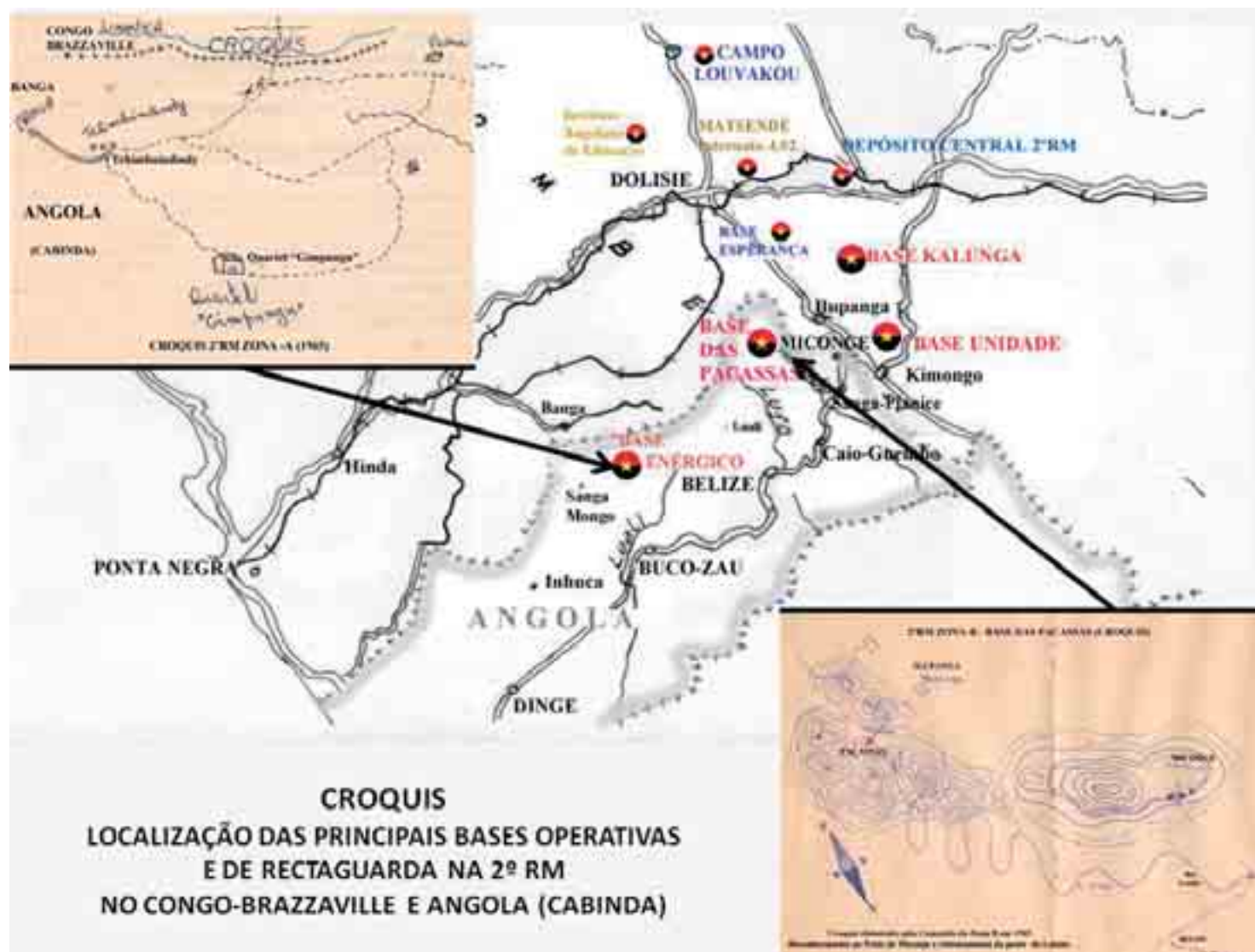
LUANDA, 1997

**A primeira bandeira
do MPLA**

2.ª REGIÃO, ZONA A,
BANGA 1965

A primeira expedição denominou-se “Destacamento Cienfuegos”, com cerca de uma centena de guerrilheiros, e seria a única unidade organizada que conseguiria alcançar a 1.ª Região Militar sem perdas materiais e humanas relevantes. A segunda expedição, “Destacamento Kamy” seria praticamente dizimada, tanto pelas dificuldades do percurso como pelos ataques fratricidas das tropas da FNLA. Uma terceira expedição, a “Coluna Ferraz Bomboco” viu os seus integrantes serem presos pelas autoridades do Congo-Léopoldville, o seu equipamento militar arrestado, tendo sido posteriormente obrigada a regressar à procedência, que era o Congo vizinho.





Referente ao período de 1963-1974

[ESQUEMA DE JOSÉ CAMPOS E PAULO LARA “CROQUIS DAS BASES ENÉRGICO E PACASSAS; ARQUIVO DE L.L.”]

Foto: Lúcio Lara



Visita do Presidente do MPLA à base das Pacassas

De pé, da esquerda para a direita: Afonso Bissafi (1.º), António Alves Tomás Medeiros (4.º), Rui de Sá “Dibala” (5.º), Iko Carreira (8.º), Paulo Júnior (9.º), Moisés Cassule “Kalé” (10.º), Moisés Cardoso “Kamy” (11.º), César Augusto “Kiluanje” (12.º), Agostinho Neto (19.º), Oliveira (24.º), Zamba (26.º), Abílio Fernandes “Dituba Geral” (27.º), José Mendes de Carvalho “Hoji Ya Henda” (28.º). Em baixo, da esquerda para a direita: Bernardo Suka—Hata “Suka Mahula” (11.º), José Manuel Paiva “Bula” (15.º).

2.ª REGIÃO, ZONA B, FEVEREIRO DE 1965



O primeiro médico soviético

O Dr. Popembisk Oleg, em visita a uma das bases guerrilheiras. Enviado pelo Comité de Solidariedade para apoiar os Serviços de Assistência Médica (SAM), funcionando no Posto Médico de Matsendé, em Dolisie.

2.ª REGIÃO, 1965

**Os primeiros rádios de comunicação
do MPLA**
Início do uso da transmissão na guerrilha.

2.ª REGIÃO, 1965



Na página seguinte:

De pé, da esquerda para a direita: João Gonçalves “Makila Mabé”, Benigno Vieira Lopes “Ingo”, Martins, Domingos de Oliveira “Yaya”, Moisés Cardoso “Kamy”, Afonso Bissafi, Sebastião Garrido, Moisés Cassule “Kalé”
Em baixo, da esquerda para a direita: “Zamba” (1.º), José Mendes de Carvalho “Henda” (2.º), “Luciengue” (3.º), “Maria” (4.ª).
Deitados: Damião “Tshombé” (2.º), Luís de Almeida.

2.ª REGIÃO, “MONTANHA DO GUERRILHEIRO”, 1965



Visita do Presidente Neto às bases da 2.ª Região Militar:

Ilupanga (Base das Pacasas),
Kimongo (Base Unidade),
Banga (Base Gimpangu).

Da esquerda para a direita:

Assandé (2.º), Roque
Tchiendo (3.º), Ciel da
Conceição “Gato” (4.º),
Bernardo Suka-Hata “Suka
Mahula” (5.º), Paulo Miguel
Júnior (6.º), Miguel Capache
(conductor) (8.º).

2.ª REGIÃO, JANEIRO DE 1964



Com Luciengue no “Milagre da Oma”

2.ª REGIÃO, MARÇO DE 1964

Lúcio Lara envia para o Comando Operacional em Brazzaville a seguinte mensagem: “...tomaram-se medidas de precaução contra um possível bombardeamento e um ataque de surpresa. Há 3 grupos nas montanhas em redor em alerta permanente e estabeleceu se um ponto de recuo, para onde foi o material, que está protegido por uma tenda. Falei com os camaradas sobre a necessidade de continuar as operações a despeito da situação de alerta, e nomeadamente de apressar a questão do posto avançado... voltaria lá no dia 24 ou 25 (à Base das Pacassas)... Ditadi no dia 30... Kifuma e Batamanga no dia 2 de Abril. Possivelmente só depois desta data irei a Banga.”.

[LÚCIO LARA EM UM AMPLO MOVIMENTO..., VOL.III, PAG.518, 2006]



*« A mata estava húmida, pingando ainda das folhas. O chão era um pântano escorregadio. Avançaram sempre a corta-mato »
« As árvores enormes, das quais pendiam cipós grossos como cabos, dançavam em sombras... ».*

[EXTRACTOS DE *MAYOMBE*, DE PEPETELA, ESCRITO EM 1970/71, PAG.56]



Guerrilheiros do MPLA
2.ª REGIÃO, ANOS 1964/65



Foto: L. Lara



Base Gimpungu / Enérgico

Da esquerda para a direita: Almirante (1.º), João Lourenço «Kumba» (2.º), Charlotte Wolf (3.º), Mbetto Traça (5.º), Zizi Neto Baya (6.º), César Augusto Kiluange (7.º), João Albano “Dack-Doy” (8.º).

2.ª REGIÃO, ZONA B, 1966



Foto: L. Lara

O Presidente Neto em Banga

Comemorações do 4 de Fevereiro. Da esquerda para a direita:
Roque Tchiendo, Floribert Monimambo, Daniel Chipenda, João
Vieira Lopes, Salvador “Achille”, Marques Pimentel, José Mendes
de Carvalho “Henda”.

2.ª REGIÃO, ZONA A, 7 DE FEVEREIRO DE 1965



Fotos: L. Lara



Comemorações do 4 de Fevereiro em Banga

Em cima: a primeira bandeira do MPLA;
Em baixo: grupo dirigido por Ciel da
Conceição “Gato”.

2.ª REGIÃO, ZONA A, 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Base Gimpungu / Enérgico
Pedro Maria Tonha “Pedalé”, ao lado
de Aristides Cadete “Kimakienda”,
depois de ferido por mina e deitado na
tipóia que o levaria até à fronteira com
o Congo.

2.ª REGIÃO, ZONA A, 21 DE OUTUBRO DE 1967

*« Quando ele (Pedalé) caiu na mina
eu vinha de camião com o Lúcio
de Dolisie. Chegámos a Banga e aí
soubemos que tinha caído na mina e
fomos a Tchimbuindindy que era a*



Foto: L. Lara



Foto: L. Lara

*última aldeia e aí fomos a correr até
à base. Chegámos à base do interior
(Base Gimpungu/Enérgico) onde nos
disseram que estava a vir e vimo-lo a
vir de tipóia. Tivemos que carregá-lo
até à fronteira. »*

[ENTREVISTA DE 13 DE MARÇO DE 2004, DE RUI
DE SÁ “DIBALA”]

Ao lado: Com Pedro Maria Tonha.
2.ª REGIÃO, ZONA A, BANGA, MAIO DE 1970



Foto: Paulo Lara



Base Unidade

Com, da esquerda para a direita: Matumona, Daniel Chipenda,
Rui de Sá “Dibala” e Max Merring.

2.ª REGIÃO, ZONA B, 1966

Jacob João Caetano “Monstro Imortal”
Comandante do Destacamento Cienfuegos,
que seguiria para a 1.ª Região.

Domingos Luís António “Kolokié”
Integrante dos Destacamentos Cienfuegos
(1966) e Bomboko (1967).



Foto: L. Lara



Foto: L. Lara

Destacamento Cienfuegos

Joaquim Domingos Augusto “Valódia”, Manuel de Castro Mutete “Aspro”, António Fernandes “Staline”, Abel Domingos “Stona”, Daniel Joaquim “Mabanza”, “Limpa Poeira”, Carvalho Braga dos Santos “Desta Vez”, “Mundo em Guerra”, Lopes Adão “Bola do Povo”, “Kuenda Kujija”, Job Manuel Francisco “Lumumba”, Gabriel Muinga “Visão”, Ananias Escórcio “Titan”, Bravo Meno Fula “Bonga-Bonga”, Samuel “Pau Preto”, Garcia Maiambo “Certeza”, António Paciência “5 Séculos”, “Sansão”, “Néné”, “Muana”, José César Augusto “Kiluanje”.

BRAZZAVILLE, KM 17, JULHO 1966



Integrantes do Esquadrão Kamy

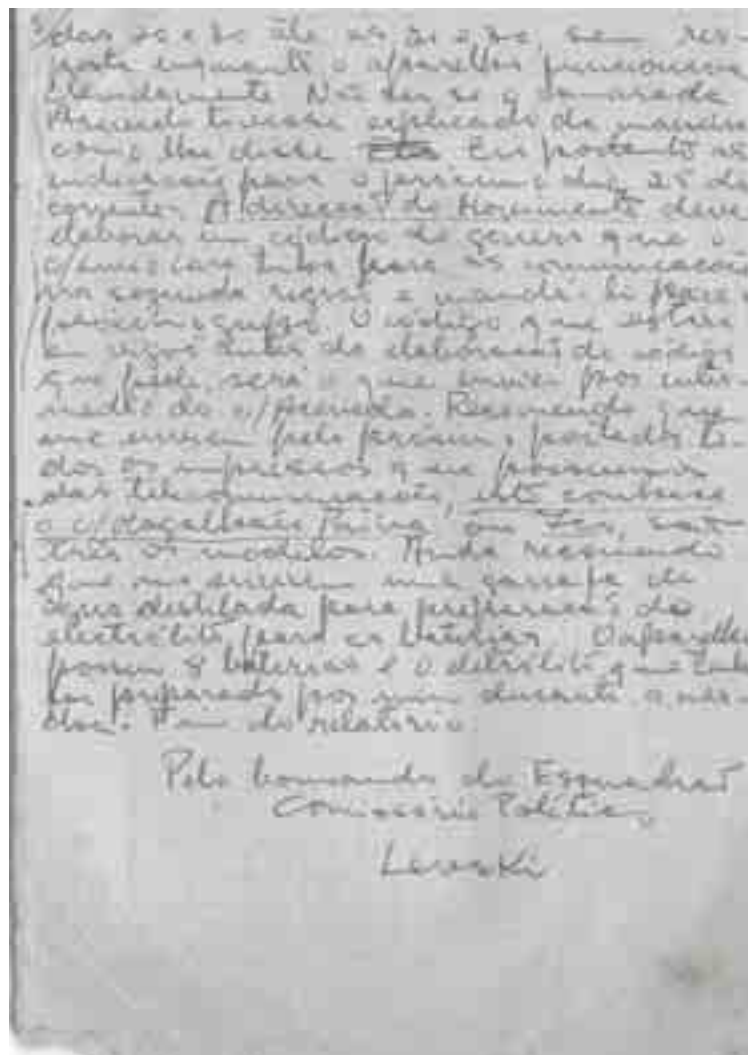
Fernando Brica (integrante do Esquadrão e falecido durante a caminhada), Francisco Rangel, Carlos Rocha “Dilolwa”, Gilberto Teixeira “Gika”, Benigno Vieira Lopes “Ingo” (Comandante do Esquadrão), Tomás Medeiros e João Marques Pimentel (integrante do Esquadrão).

CIR EM MATSENDÉ, DOLISIE, 1965



Fotos: L. Lara

Anselmo Levsy
Comissário Político do Esquadrão Kamy, morto em 1968 na 1.ª Região Militar em Muconda.



Extracto do relatório feito pelo Comissário Levsy quando o Esquadrão se encontrava a caminho da 1.ª Região Militar. Este relatório foi entregue a Kolokié que se cruzou com o Esquadrão a caminho de Brazzaville vindo da 1.ª Região Militar.

Foto cedida por Limbânia J. R.



As Mulheres do Esquadrão Kamy
A cubana Limbânia J. Rodriguez (ao centro) com Teresa Afonso, Lucrécia Paim, Irene Cohen, Engrácia dos Santos, Josefa Gualdino e Deolinda Rodrigues.
BASE KALUNGA, 1966



Deolinda Rodrigues “Langidila”



“As suas vidas estão ameaçadas”

Panfletto surgido após a detenção das guerrilheiras pela FNLA. Seriam detidas a 8 de Março de 1967 e assassinadas no ano seguinte.
BRAZZAVILLE, 1967



Foto: L. Lara

Membros do Comando do Esquadrão Bomboko
Samuel Bernardo “Samy”,
Manuel Quarta Punza
(Comissário Político); Jorge
Albano “Dack-Doy”.



Foto: L. Lara

**Ciel da Conceição
“Gato”**
Comandante do
Esquadrão Bomboko,
à direita, com Moisés
Cassule “Kalé”.



Rafael Zembo Faty “Veneno”

Comandante do Esquadrão Benedito (ex-Bomboko), também conhecido por “Suka-Hata II”. A 27 de Janeiro de 1970, ao ser surpreendido pelas forças coloniais na área de Malange quando, vindo do leste de Angola, dirigia o seu esquadrão em direcção aos Dembos, 1.ª Região Militar, fica sem munições e, na eminência de ser preso, suicida-se à arma branca.

[FOTO DO LIVRO *TRAVESSIA DE FRONTEIRA NOCTURNA*, T. KOLECHNICHENKO, EDIÇÃO DE 1966]



Fotos: L. Lara

Esquadrão Bomboko
NORTE DE BRAZZAVILLE, Km25, JUNHO DE 1967

A 2.^a Região Político-Militar (Cabinda) não oferecia, no entanto, as condições necessárias ao desenvolvimento da luta armada no interior do País. Com a independência da então Rodésia do Norte – a Zâmbia – em 1965, viu o MPLA abrir-se a possibilidade de uma nova frente de combate.

Em Março de 1966 têm lugar as primeiras acções de combate naquela frente que viria a ser a “III Região Político-Militar”. A Direcção do Movimento foi cindida em dois, dividida pelas duas regiões político-militares em acção. Lúcio Lara permaneceu na 2.^a Região, tendo só mais tarde sido colocado na 3.^a Região.

A guerrilha penetrou rapidamente nas matas do leste do país, o que fez renascer e consolidar a confiança da organização e dos seus quadros e militantes, assim como permitiu que se entrasse numa nova fase, com a ocupação de importantes zonas do país sob administração da guerrilha, desenvolvendo-se acções de Estado, desde a organização da produção nas áreas libertadas, às actividades de carácter social (ensino e saúde), à constituição de grupos civis de auto-defesa e à formação política e militar em estruturas adequadas, nos chamados “Centros de Instrução Revolucionária”.



1.ª Delegação do MPLA na Zâmbia
Aberta por Aníbal de Melo.
LUSAKA, FEVEREIRO DE 1965



As Regiões Militares do MPLA

[ESQUEMA BASEADO NO "RELATÓRIO EXTRAORDINÁRIO" 11/71 DA PIDE]



Da esquerda para a direita: Jorge Albano "Dack-Doy" (1.º),
Agostinho Neto (4.º), Augusto Alfredo "Orlog" (6.º), Manuel
Quarta Punza (7.º), Américo Boavida (8.º).

Moxico, 1968

José Mendes de Carvalho
“Hoji ya Henda”

Tinha 27 anos o Comandante “Henda” em 14 de Abril de 1968, quando dirigiu o ataque contra o quartel colonial de Karipande durante o qual é mortalmente atingido. Passaria a ser o patrono da Juventude Angolana.

3.ª REGIÃO

Anos mais tarde, o quartel viria a ser novamente atacado e destruído. Ao lado, o Comandante Rui de Matos, sobre os escombros do quartel.



**1.ª Assembleia
Regional da
3.ª Região**
Comandante
Joaquim
Cardoso
“Janguinda”
Em baixo:
Carlos Rocha
“Dilolwa” e
Agostinho Neto



Fotos: Augusta Conchiglia



**Américo Boavida
“N’Gola Kimbanda”**

Morreu durante o bombardeamento efectuado em 28 de Setembro de 1968 pelo exército português ao acampamento Mandume III.

Moxico, 1968

Lúcio Lara, que havia sido transferido para a Frente Leste, passa pela URSS onde faz um estágio militar e, a partir de Março de 1969, desenvolve uma intensa actividade num desses centros, o CIR do Sector IV da Zona C, situado no interior da província do Moxico.



Com estudantes angolanos na URSS

Da esquerda para a direita: Brito Sozinho (2.º), João Garcia Bires (3.º), Pedro Van-Dúnen “Loy” (4.º), Portugal (5.º), Luísa Gaspar “Vostok” (6.º), António José Miranda “Tozé” (8.º), Celeste (9.º), Clarisse Palinhas (11.º), Julião Mateus Paulo “Dino Matrosse” (14.º).

Moscovo, 1968

“Conjunto Nzaji”
Fernando Assis,
Guinapo, Ana Wilson,
Maria Mambo Café,
Pedro Van-Dúnen
“Loy”.
Moscovo, 1968



Um dos testemunhos daqueles tempos é-nos dado por Rodeth Gil:

Conheci o camarada LARA entre 1968/69 na Zona C, Terceira Região Político/Militar, numa reunião alargada de balanço de actividades operativas da guerrilha com todos os comandantes das Zonas, Sectores e Secções, convocada e dirigida por este grande Comandante.

Na Frente Leste, o camarada LARA foi um líder incontestável, militante que ganhou a confiança dos guerrilheiros e do Povo, criou e fortaleceu as bases da guerrilha e os Comités de Acção do M.P.L.A.

As acções de guerrilha e o sequente controlo de vastas áreas do território desenvolveram-se de forma crescente até o final da década de 60, pesem embora as dificuldades logísticas que aquela Frente suscitava, se se considerar que a Zâmbia era

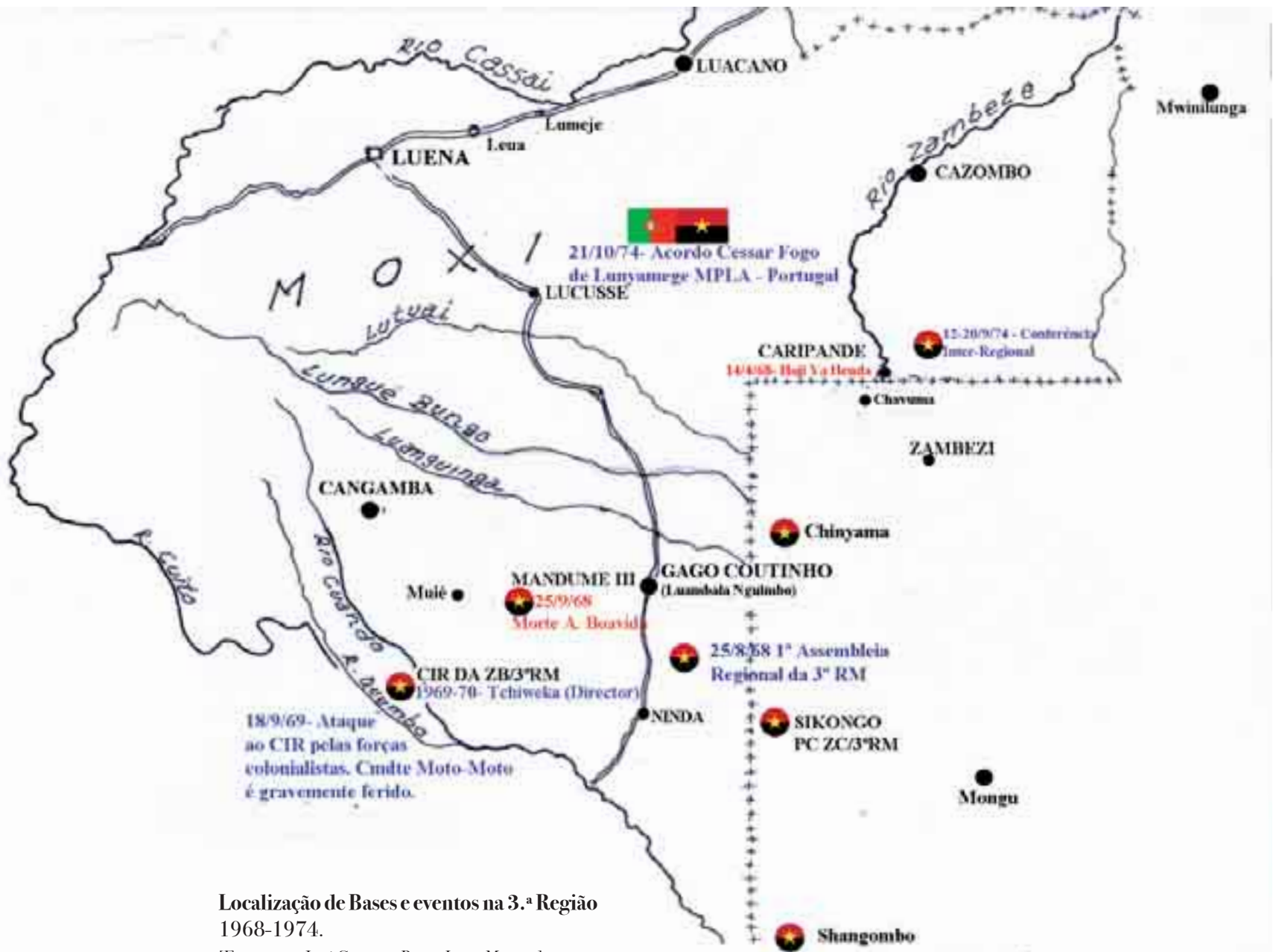


Com Jamba Yamina
No Centro de Instrução
Revolucionária da Zona C.
3.ª REGIÃO, 1969

e é um país “encravado” e que o aporte logístico que, do exterior, teria de ser encaminhado para a guerrilha tinha como ponto de partida o porto de Dar-es-Salaam, na Tanzânia.

A partir dos primeiros anos da década de 70, a guerrilha começou, por diversas razões, a perder o fôlego. As “áreas libertadas” eram vastas e, por isso, a consolidação do poder do Movimento, assumindo funções de Estado, manifestou-se como frágil. Por outro lado, o empenhamento militar português, dotado de tecnologia muito superior à da guerrilha, e graças à adoção de novas táticas de combate e de isolamento das populações, levaram paulatinamente ao estagnar e posteriormente ao definhar das acções militares da guerrilha e da implantação do Movimento nas vastas áreas do Leste até então por si ocupadas e administradas. A guerrilha perdia terreno e iniciativa.

As acções de guerrilha, embora limitadas pelas ofensivas do exército colonial, continuaram nas diversas frentes.



No Centro de Instrução Revolucionário (CIR)

3.ª REGIÃO, ZONA C, MOXICO, 1969

De pé, da esquerda para a direita: Paulo Alberto “Mivuva”, “Kakunga”, Tchiweka (3.º), Daniel Chipenda (4.º), Cambambe (jornalista zambiano) (5.º), José Condesse “Toka” (6.º), Justino Frederico Katwiya (7.º), Ana Wilson (8.º). À frente: “Pamba Sangue”, Paulo Massungo “Sentir”, Mondibo.



Foto: L. Lara

De pé, da esquerda para a direita: Ojango Odinga (1.º), José Domingos Francisco Tuta “Ouro de Angola” (3.º), “Independência” (4.º), Manuel Francisco Tuta “Batalha de Angola” (5.º), Pinto (6.º). À frente: Canganjo “Boa Sorte” (1.º), António Francisco Tuta “Audácia” (2.º), “Lutaremos” (3.º), “Popular” (4.º), “Tshambata Meya” (5.º), “Amigo da Onça” (6.º).



Foto: Augusta Conchiglia

José Katuya "Vantagem"



Foto: L. Lara

Angelina Adolfo "Luta"



Foto: L. Lara

**Maria Mambo Café
"Tchyina"**



Foto: L. Lara

**Travessia do Kussivi
3.ª REGIÃO, ZONA C, 1970**

«...Gosto do ambiente que se está a criar no CIR, donde aliás no dia 22 fugiu o guerrilheiro Mbimbe, que me tinha sido enviado pelo grupo de «Angola de Hoje», e que não chegou a totalizar 15 dias no CIR. Parece que ele gastou indevidamente dinheiro do povo da área do «Angola de Hoje», e que este veio cá reclamar. Deve ter sido isso... Oxalá não se vá entregar ao IN, senão teremos (em) breve uma invasão de “helicópteros” e “comandos”. A casa da Tchyina ficou hoje pronta. Ela dormiu estes 3 dias na minha casa (há em cada casa 2 camas, claro). Pu-la como professora dos da 4ª e isso tirou-me uma soma de trabalho importante dos ombros, podendo dedicar mais tempo aos chefes de acção, aos assuntos de preparação militar e à feitura de manuais.

Antes de ontem à tarde chegaram os 3 chefes de sectores que com os que já cá estavam faz 8, que vêm integrar-se na táctica nova do Refusper. É um trabalho que me agrada. Infelizmente têm quase todos (excepto 1) um nível de instrução baixíssimo, não sabendo ler e escrever senão em Mbunda, e não sabendo fazer contas. Mesmo assim, já consegui pô-los a fazer planos de quartéis, orientados, a trabalhar com o morteiro 60mm; estamos agora a discutir a “emboscada”. Cada um deles relatou a emboscada que mais gostou, fazendo o esquema na areia. Agora vamos analisar cada uma dessas emboscadas criticamente, vendo os erros e as coisas boas. Estão entusiasmados e eu também, pois ao mesmo tempo consigo fazer uma ideia da situação REAL em cada sector, coisa que infelizmente ninguém faz. É pena que o estágio seja curto, mas espero conseguir que eles voltem cá depois da época das chuvas para apreciarmos em conjunto a aplicação prática do que aqui foi estudado. Eles estão finalmente a conhecer o valor de cada arma, a necessidade de planos operacionais, a necessidade de reconhecimentos sérios, enfim coisas que nunca tiveram oportunidade de ver. E pode-se dizer que em todos eles há SEDE de aperfeiçoamento, o que é positivo.

25/XII-

Amanha, ou melhor hoje 25, porque já é 1h da noite, é a nossa festa com o povo (...) fazer o Natal com o povo, aproveitando festejar 3 coisas: o 1.º de Dezembro, 1.º aniversário da morte do pioneiro heróico Augusto NGANGULA, assassinado pelo IN por se recusar a revelar onde estavam os guerrilheiros; o 10 de Dezembro, 13.º aniversário do MPLA e o Natal e Ano novo, tradicionalmente festejado pelo povo.

Se o IN não aparecer por aí de surpresa, será uma festa bonita, pois haverá um desfile do efectivo do CIR, juntamente com os pioneiros (33) de uma escola vizinha. Oferecer-se-ão 13 bandeirinhas ao povo, em comemoração aos 13 anos do MPLA, oferecer-se-ão prendas de Natal aos responsáveis populares (sabão, lápis, linha, sal, fósforos, 1 bandeirinha e 1 emblema do MPLA). Depois do desfile eu farei um pequeno discurso explicando.... ».

[EXTRACTO DO DIÁRIO DE TCHIWEKA, 3.ª REGIÃO, CIR DA ZONA C,
ENTRADAS DE 24 E 25 DE DEZEMBRO DE 1969]



Destroços de um avião militar português
Com Fernando Mulyatu “Mwana-Uta” (1.º), Pinto (4.º), “Não Sabia” (6.º), José Katuya “Vantagem” (7.º), Alexandre Muyuma (9.º).
3.ª REGIÃO, ZONA C, 1969

**Conferência Plenária do
Comité Director**
Com Kussi, Floribert
Monimambo, Mário de Andrade,
“Mona” e “Dibala”.

CHIKONGO, KITEXE II, 27 DE SETEMBRO
A 3 DE OUTUBRO DE 1971



Fotos: Paulo Lara

Ouvindo o Comandante Paulo Mungongo “Dangereux”

Com Luís Vasco Kapenda (2.º), Augusto Lopes Teixeira “Tutu” (4.º), Veríssimo da Costa “Nzaji” (5.º),
Magalhães Paiva “Nvunda” (6.º), David Moisés “Ndozi” (7.º), Manuel Quarta Punza (8.º), Pascoal Luvualu
(9.º), Floribert Monimambo (10.º), Massunga Kota (11.º), Roque Tchiendo (12.º).

CHIKONGO, KITEXE II, SETEMBRO/OUTUBRO DE 1971



**Conferência Plenária
do Comité Director**
Carlos Rocha “Dilolwa” e Agostinho Neto
“Kilamba”.



Com Manuel Quarta
Punza e Miranda
Marcelino.



Henrique Teles Carreira
“Iko”, Daniel Chipenda
“Sango” e Carlos Rocha
“Dilolwa”.

Fotos: L. Lara



Operação de ataque ao quartel Miconge

Lúcio Lara participa na operação militar.

FRENTE NORTE, 8 DE OUTUBRO DE 1974



“Mwana Caxito”

Pedro Benga Lima “Foguetão”
dirigindo a
instalação do míssil
reactivo soviético
GRAD-IP, baptizado
“Mwana Caxito”
pelo Comandante
“Xyetu».

1974



Fotos: L. Lara



Tchiweka visita o Campo de Louvakou
Dias antes da Assembleia Geral Extraordinária das 1.ª e 2.ª Regiões Militares. De pé, da esquerda para a direita: “Romance”, “Desejado”, “Kimuezu”, “Pepetela”, “Amilano”, Benedito. Em baixo: “Gimpaxi”, “Vitória”, “Marroquino”.

FRENTE NORTE, 24 DE MARÇO 1972
Ao lado: “Venceremos” e Benedito.



Fotos: L. Lara

Mwila Mavungu
Grande dinamizador, em língua fyote, do programa radiofónico “Voz de Angola Combatente”.

Foto: Paulo Lara



**Com a mascote “Chico”,
da Base Unidade**

Foto: Paulo Lara



**Na Base Unidade
Com Magalhães Paiva
“Nvunda”, Guerra,
Salviano Sequeira
“Kianda” e António
Menezes.**

2.ª REGIÃO, ZONA B, BASE
UNIDADE, 8 DE OUTUBRO DE
1974

Foto: L. Lara



Feridos em combate

O Comandante “Ndozi” e alguns dos seus guerrilheiros.

2.ª REGIÃO, ZONA B, BASE UNIDADE, 8 DE OUTUBRO DE 1974

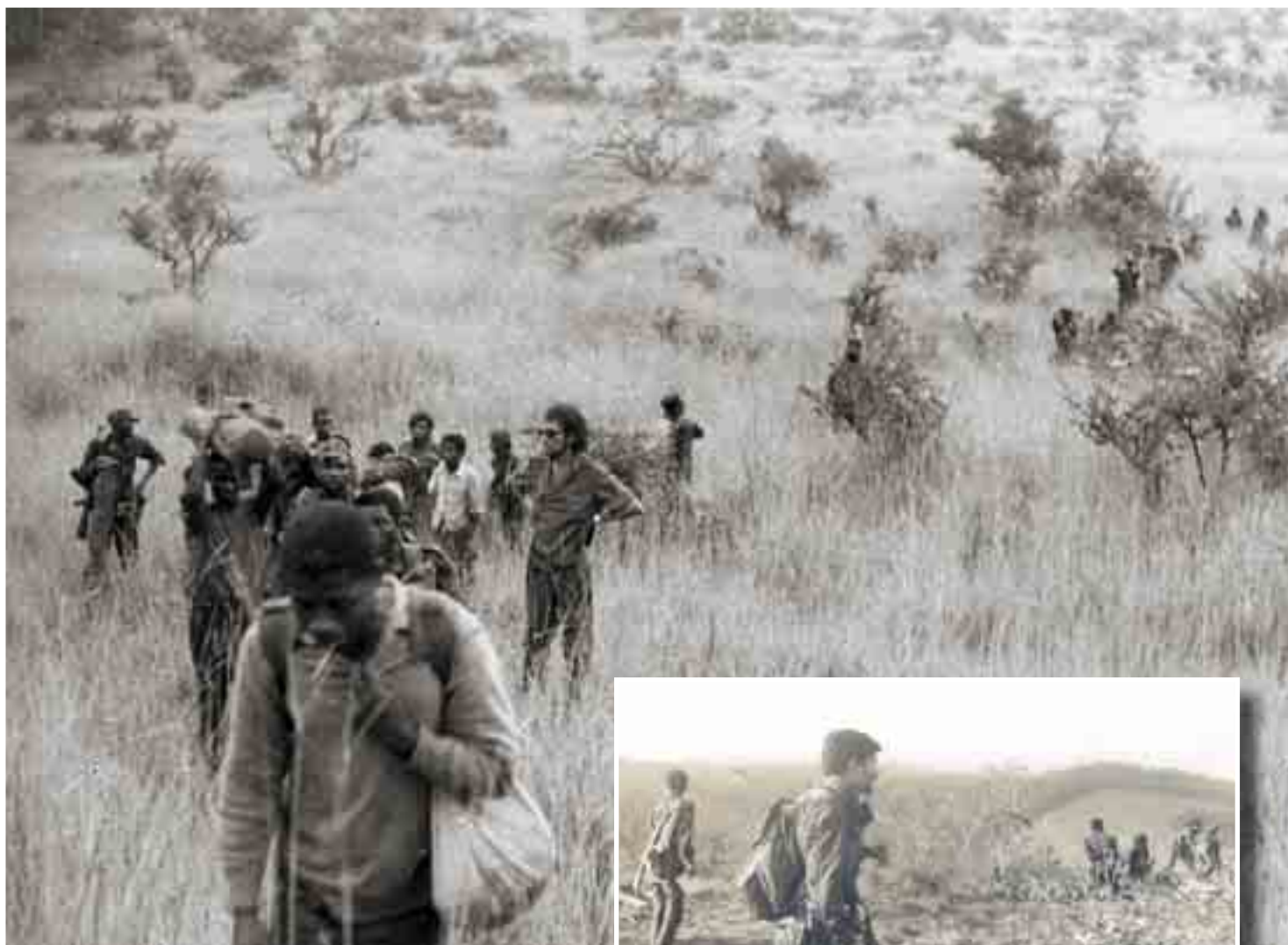


Foto: L. Lara

Em progressão para o Quartel de Miconge
À direita, António José Miranda “Tozé”, chefe do
asseguramento médico durante a operação.
FRENTE NORTE, ZONA B, 2.ª REGIÃO, 8 DE OUTUBRO DE 1974



Foto: Paulo Lara

Com Salviano Sequeira “Kianda”
Durante o bombardeamento ao quartel Miconge.
FRENTE NORTE, 2.ª REGIÃO, ZONA B, 8 DE OUTUBRO DE 1974

Face à crescente ofensiva das forças coloniais e o conseqüente decréscimo das actividades de guerrilha por parte do MPLA, é iniciado, na Frente Leste, 3.^a Região Político-Militar, em 1972, o designado Movimento de Reajustamento, com o objectivo de fazer com que a massa militante do Movimento reflectisse sobre o momento que vivia, naquela altura, a luta de libertação e encontrasse as vias e as formas organizativas adequadas para o relançamento das acções de combate. Este Movimento de Reajustamento irá abranger posteriormente também a 2.^a Região (1973-1974) onde se encontrava Lúcio Lara.



O Movimento de Reajustamento na Frente Norte
Com Adolfo Maria, “Facho”, “Dinguanza”, “Toka” e outros.

2.^a REGIÃO, BASE KALUNGA,
DEZEMBRO 1973

Foto: L. Lara



O Movimento de Reajustamento na Frente Norte

Da esquerda para a direita: Fernando Vaz da Conceição “Mussolo” (1.º), “Triunfo de Angola” (2.º), Amélia Mingas (12.º), Maria do Céu Carmo Reis (13.º), “Jota” Carmelino (15.º), Victor João de Sousa “Suluka” (16.º), José Condessa “Toka” (17.º), António Jacinto (18.º), Magalhães Paiva “Nvunda” (19.º), Carlos Xavier (20.º).

2.ª REGIÃO, BASE KALUNGA, FEVEREIRO DE 1974





Movimento de Reajustamento

Da esquerda para a direita: Agostinho Neto diante de Jacob João Caetano “Monstro Imortal”, Joaquim Domingos Augusto “Valódia”, David Moisés “Ndozi”, Eurico Gonçalves e Dinguanza.

2.ª REGIÃO, BASE KALUNGA, FEVEREIRO DE 1974



**Com António Ramos “Dimuka”
e um pioneiro.**

2.ª REGIÃO, BASE ESPERANÇA,
FEVEREIRO DE 1974

A EDUCAÇÃO

Lúcio Lara teve, ao longo da luta de libertação, uma preocupação permanente com as questões do ensino e da educação.

Artur Pestana “Pepetela”, que com ele compartilhou muitas tarefas e actividades no âmbito da educação, conta-nos:

Conheci Lúcio Lara na antiga Dolisie, na República do Congo, muito próximo da fronteira com Angola... fumava cachimbo. Vinha da Frente Leste, trazendo com ele um seu querido escrito acabado de publicar. Qualquer coisa parecida com “A Educação como elemento estratégico da Luta de Libertação Nacional”. Foi pois através da educação que nos encontramos.

Era um artigo, impresso cuidadosamente em Lusaka, com uma capa ligada ao tema. E tratava, não só das ideias de Lúcio Lara sobre a importância da educação, mas sobretudo o que o Movimento deveria fazer nos próximos anos (hoje diria décadas) para emancipar o País do colonialismo e do atraso cultural histórico, projectando-o para o futuro. Esse panfleto continha objectivos que hoje o País infelizmente ainda não atingiu no campo da Libertação Nacional, o de formar responsabilmente as populações para se emanciparem definitivamente de qualquer imposição estrangeira. Sobressai nele a visão de um homem habituado a chupar tranquilamente no seu cachimbo e a sonhar com realismo sobre as vias a seguir.

Fiquei definitivamente impressionado. Porque nós pensávamos na guerra que era preciso fazer e em todas as actividades a ela ligadas: os centros de treinamento, os abastecimentos, militares e civis, a organização e formação políticas, a propaganda, o tratamento não só dos guerrilheiros mas também das populações, o trabalho nas

lavras, etc.. Havia escolas e nela as crianças davam os primeiros passos nas letras e os guerrilheiros eram alfabetizados. Mas esse escrito deu-me uma outra dimensão do que era educação. De facto, era a base, o elemento estratégico, da Libertação, não só no momento da guerra, mas no seguinte e nos seguintes, quando se tratasse de construir um País melhor. Era a mensagem sábia e provocadoramente incluída no título.



Inauguração do Internato “4 de Fevereiro”

Os professores Baião, à direita na fila de trás, e Luís Costa, à esquerda, com os pioneiros.

DOLISIE, MATSENDÉ, 1965



Alguns livros e manuais editados para as escolas do MPLA

Posto Médico

DOLISIE, MATSENDÉ, INTERNATO
4 DE FEVEREIRO, 1965



Foto: L. Lara

Aprendizagem do Hino do MPLA em língua umbundo

O professor “Boa
Sorte” e os pioneiros
Katila, António Guedes
e Kanganjo entre
outros.

3.ª REGIÃO, ZONA C, 1971





Pioneiros estudando
Com os novos manuais
escolares impressos nos países
escandinavos. À esquerda,
Saydi Vieira Dias Mingas.
3.ª REGIÃO, ANOS 1970



Com Agostinho Neto e José Eduardo dos Santos

Em 1975 e 1979, viriam a ser respectivamente, os 1.º e 2.º Presidentes da República Popular de Angola. Visita da Direcção do MPLA ao IEA - Instituto Angolano de Educação, já concluído. Reconhecem-se ainda, na foto, Peder Sidelman, Afonso Van-Dúnen “Mbinda”, Rodolfo Morais...

DOLISIE, 1974



Com Agostinho Neto, Luís Costa e os pioneiros

Vendo-se atrás o Instituto Angolano de Educação, ainda em construção.

DOLISIE, 1972





*Anos do Limiar e da Conquista
da Independência (1974-1975)*

olhamos-te bandeira agora...



É neste contexto de estagnação da luta armada de libertação que acontece, em Portugal, em Abril de 1974, a que ficou conhecida como Revolução dos Cravos, levada a cabo pelas chefias intermédias das forças armadas portuguesas. A longa guerra colonial e a incapacidade do governo de Lisboa em encontrar soluções para ela, levaram a que os militares procurassem, eles próprios, tomar a iniciativa de resolver as degradadas condições, tanto dos territórios sob dominação colonial, como do seu próprio país, durante várias décadas dominado por um regime de característica fascista, retrógrado e isolado internacionalmente.

Apesar das indecisões e indefinições iniciais da nova Junta Militar quanto ao estatuto futuro das suas colónias, fruto das pressões quer dos sectores mais progressistas da sociedade portuguesa, como das que eram exercidas pelos movimentos de libertação nos territórios coloniais, foi estabelecido o direito das colónias à autodeterminação e independência.

A 21 de Outubro de 1974, nas chanas do Lunyameje, na província do Moxico, foi assinado um acordo de cessar-fogo entre o MPLA e as autoridades do regime português. Era o início de um processo difícil e doloroso que haveria de conduzir Angola à proclamação da independência a 11 de Novembro de 1975.

Caminhos difíceis tinham sido trilhados desde o eclodir da revolução portuguesa de Abril até à assinatura do cessar-fogo: as cisões verificadas no seio do MPLA com as chamadas “Revolta do Leste” e “Revolta Activa”; a fracassada tentativa de reconciliação conduzida por forças externas ao MPLA, que pretendia agregar as partes desavindas

num congresso em Lusaka; a proclamação das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) a 1 de Agosto desse ano, que tornaria autónoma a componente militar e transformando-a no braço armado da componente política. A realização da Conferência Inter-regional de Militantes em território angolano, no início de Setembro e as sequentes iniciativas diplomáticas de alguns países africanos de reunificar o MPLA, acabaram por fazer com que fosse assinado o cessar-fogo definitivo com Portugal, sem a participação de outras facções, sob a direcção de Agostinho Neto.



Durante o Congresso de Lusaka
Paulo Mungongo “Dangereux” e Gilberto Teixeira “Gika”.
ZÂMBIA, JULHO 1974



Emblema das FAPLA
Forças Armadas de Populares de
Libertação de Angola.
[PROCLAMADAS EM 1 DE AGOSTO DE 1974]



Acampamento dos delegados
Durante a Conferência Inter-Regional de Militantes.
CHAVUMA, SETEMBRO DE 1974



Nos bastidores da Conferência Inter-Regional
Com Joaquim Kapango (de costas à esquerda), Henrique
Carreira “Iko” e Carlos Rocha “Dilolwa”.
CHAVUMA, SETEMBRO DE 1974

Conferência inter-regional *– 12 a 20 de Setembro de 1974*

A tentativa de reunir as três facções existentes no seio do MPLA com a realização de um congresso unitário em Lusaka fracassara e os militantes e militares das recém constituídas FAPLA, oriundos de todas as regiões militares, antigos presos políticos saídos das cadeias coloniais e militantes da clandestinidade reúnem-se perto do rio Lundoge, no saliente de Cazombo: foi a histórica Conferência Inter-Regional de Militantes do MPLA.

Foi eleito um Comité Central e um Bureau Político executivo, com Agostinho Neto como Presidente e Lúcio Lara como Secretário do Bureau Político.

Acordos de Lunyameje – 21 de Outubro de 1974



Acordo de Lunyameje

Onde se estabeleceu o cessar-fogo com Portugal.

De pé da esquerda para a direita, com: Major Emílio da Silva (Portugal), Ruy Filomeno de Sá “Dibala”, Brigadeiro Ferreira de Macedo (Portugal), Luís de Almeida, Agostinho Neto, Comandante Leonel Cardoso, Joaquim Kapango, António Augusto de Almeida, Hermínio Escórcio, Ludy Kissassunda, Major Pezarat Correia (Portugal), “Iko” Carreira. À frente: Pedro Maria Tonha “Pedalé”, Magalhães Paiva “Nvunda”, Jacob João Caetano “Monstro Imortal”, Zacarias Pinto “Bolingó”, Aristides Van-Dúnen e Carlos Rocha “Dilolwa”.

MOXICO, LUNYAMEJE, 21 DE OUTUBRO DE 1974



Abrindo caminho para Lunyameje

Camiões Kraz que serviram para desbravar a via até ao local onde se assinaram os acordos. No camião, Júlio de Almeida “Jujú”.

MOXICO, 1974

Chegada da 1.^a Delegação oficial do MPLA a Luanda – 8 de Novembro de 1974



A 8 de Novembro de 1974, chega a Luanda a primeira delegação oficial do MPLA, chefiada por Lúcio Lara. A recepção em Luanda foi apoteótica.

Augusta Conchiglia depõe sobre este momento histórico:

8 de Novembro 1974. O aeroporto de Luanda e a estrada que o liga à cidade, estão cheios de gente. Centenas de milhares de pessoas querem assistir à chegada do avião que de Lusaka traz a primeira delegação da direcção do MPLA. Quando Lúcio Lara aparece à porta do avião – que já está cercado pela multidão – o entusiasmo transforma-se em gritos de alegria. Foram necessárias horas para afastar aquele povo do avião e deixar a delegação descer a escada. A figura de Lúcio, como um dos pilares históricos do movimento, era já muito popular, apesar dos longos anos de exílio que o afastaram das zonas do país ocupadas, e do blackout da imprensa da altura sobre a realidade da guerra de libertação.



Chegada a Luanda

8 DE NOVEMBRO DE 1974



Lista manuscrita por Lúcio Lara

A. Jacinto, Bento Ribeiro, Kassange, Pepetela, Lukoki, Luvualu, Beto Traça, Kiamussinda, Albano Machado, Quarta (Punza), Sita, Valódia, Batalha (de Angola), L.Lara, Luzia Paim, João Hailonda, Ludy (Kissassunda), Imperial (Santana), Kopelipa, Dilolwa, Mingas, (Anibal de) Melo, Lanvu (Norman), Pedalé, Lopo (do Nascimento), Monstro (Imortal), Kimba, Onambwe, Kopelipa, (Maria) Mambo, Guinapo, Kutoce, Kapango, Fotógrafo e radialista.

[ARQUIVO DE LÚCIO LARA, ATD]





Alto-Comissário de Portugal recebe MPLA

A delegação do MPLA, no dia mesmo da chegada a Luanda, encontra-se com o Almirante António Alva Rosa Coutinho, enviado a Luanda em Julho desse ano para salvar o processo de “descolonização”. Com Lopo do Nascimento e Ludy Kissassunda.

LUANDA, 8 DE NOVEMBRO DE 1974



Comício na Cidadela

Com Saydi Mingas.

LUANDA, 9 DE NOVEMBRO DE 1974



1.ª Conferência de imprensa em Luanda

Com Saydi Mingas, Hermínio Escórcio e António Jacinto.

LUANDA, VILA ALICE, 10 DE NOVEMBRO DE 1974

Abertura de delegações do MPLA nas diferentes províncias

Dava-se início, em ambiente de crispação mas de relativa liberdade de acção, ao alargamento da base social do Movimento, com a integração de diversas organizações políticas urbanas no seu seio, assim como se iniciava um amplo trabalho de implantação e organização das estruturas do Movimento.

Inauguração da delegação do MPLA
Comandante Kassanje torna-se o responsável do MPLA na Província.

Vem a falecer no combate contra o exército sul-africano um ano mais tarde, nas vésperas da Independência, no Kwanza-Sul.

BENGUELA, 24 DE NOVEMBRO DE 1974







Inauguração da delegação do MPLA

UÍGE, NOVEMBRO DE 1974

**Inauguração da
delegação do MPLA**

MOÇÂMEDES, NOVEMBRO
DE 1974



**Inauguração da
delegação do MPLA**
Com Albano Machado.
HUAMBO, NOVEMBRO DE 1974

Ao lado:
**Comício num bairro
da cidade**
Com Valódia, Ludy
Kissassunda e Elsa
Almeida.

LUANDA, NOVEMBRO DE 1974





Comício na sede da JMPLA
LUANDA, 1 DE DEZEMBRO DE 1974



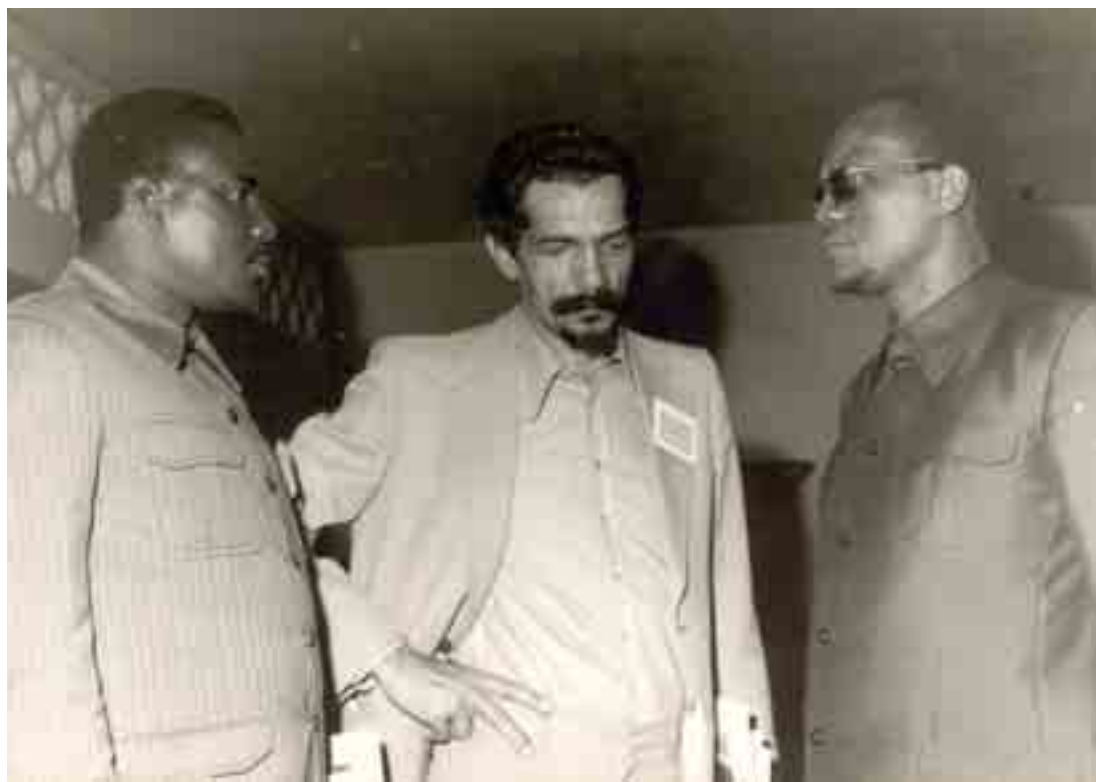
**Num dos bairros
da cidade**
Com Hermínio Escórcio
e Aníbal de Melo
LUANDA, DEZEMBRO DE 1974

Tentativas de acordos

Após um consenso conseguido no início de Janeiro de 1975, em Mombaça, entre os três movimentos de libertação foi celebrado, a 15 de Janeiro, no Alvor (Portugal), o acordo que permitiu fixar a data em que Angola haveria de celebrar, 10 meses mais tarde, a sua entrada no concerto das nações independentes.



Acordo com a FNLA
Assinado por Agostinho Neto e Holden Roberto.
KINSHASA, NOVEMBRO DE 1972



Com Ngola Kabango e Holden Roberto
ENTRE 1972 E 1975



Acordo com a UNITA

Assinado por Agostinho Neto e Jonas Savimbi. O encontro entre os dois Movimentos foi organizado pelo Almirante Rosa Coutinho, Presidente da Junta Governativa de Angola.

LUENA, 18 DE DEZEMBRO DE 1974



Acordos com a FNLA e a UNITA
Com o Presidente Jomo Kenyata,
os Presidentes dos três
Movimentos e membros das suas
delegações.

MOMBAÇA, 3 A 5 DE JANEIRO DE 1975



A caminho do Alvor

Delegação do MPLA: Domingos
Van-Dúnem, Saydi Vieira Dias
Mingas, Mendes de Carvalho,
Maria do Carmo Medina, Diógenes
Boavida, Carlos Rocha “Dilolwa”,
Agostinho Neto, Maria Mambo
Café, Joaquim Kapango, Afonso
Van-Dúnem “Mbinda”, Armando
Guinapo, Jacob João Caetano
“Monstro Imortal”, César Augusto
“Kiluange”.

CABO VERDE, JANEIRO DE 1975



Acordos com a FNLA, a UNITA e o Governo Português
Com Lopo do Nascimento, Agostinho Neto
e o General Silva Cardoso.

ALVOR, 14 DE JANEIRO DE 1975



Acordos com os dois Movimentos e o Governo Português
Com Agostinho Neto, Iko Carreira e Nito Alves.

NAKURU, 16 DE JUNHO DE 1975



Governo de Transição para a Independência toma posse

Da esquerda para a direita: Saydi Vieira Dias Mingas (1.º), Hendrick Vaal Neto (3.º), Jaka Jamba (6.º), Jeremias Chitunda (7.º), Armando Ndembo (8.º), Silva Cardoso (11.º), Ngola Kabango (12.º), Lopo do Nascimento (14.º), Samuel Abrigada (15.º), Johny Pinnock Eduardo (16.º), Resende de Oliveira (17.º), Manuel Rui Monteiro (18.º), José Ndele (19.º), Cornélio Caley (20.º) e Henrique dos Santos (22.º).

LUANDA, 31 DE JANEIRO DE 1975

Chegada de Neto - 4 de Fevereiro de 1975



Agostinho Neto regressa à Pátria

À sua esquerda, Joaquim Domingos Augusto “Valódia” e João Luís Neto “Xyetu”.

LUANDA, 4 DE FEVEREIRO DE 1975



No aeroporto

Aguardando a chegada do Presidente Neto.

LUANDA, 4 DE FEVEREIRO DE 1975

A 4 de Fevereiro de 1975, Agostinho Neto regressa à Pátria e é recebido de forma apoteótica no Aeroporto de Luanda

Mas também o caminho rumo à Independência não seria fácil, nem pacífico. O frágil Governo de Transição institucionalizado na sequência do Acordo de Alvor em que participavam, para além da autoridade portuguesa, representantes dos três Movimentos de Libertação, não foi capaz de exercer a autoridade que dele se esperava, confrontado com a crescente oposição e confrontos entre os Movimentos integrantes desse Governo, e a sua vontade de se assumirem como os únicos e legítimos representantes do povo angolano.

Em breve e em crescendo, a rivalidade entre as organizações nacionalistas se foi transformando em confrontos armados que se foram alastrando por todo o espaço nacional. Assiste-se a uma crescente intervenção de forças estrangeiras no conflito, quer no campo diplomático, quer no campo militar, com especial realce para as acções do Zaire de Mobutu, assim como da África do Sul do apartheid. Ao aproximar-se a data acordada para a proclamação da Independência, o País via o seu território dividido pela ocupação de algumas províncias em exclusividade por cada um dos três Movimentos.



Com Neto, Maria Eugénia e Gilberto Teixeira “Gika”

LUANDA, 4 DE FEVEREIRO DE 1975

Resistência popular generalizada

Nos primeiros dias de Outubro de 1975, as forças sul-africanas viriam a introduzir um factor qualitativamente diferente do que tinham sido, até ali, os confrontos armados entre os angolanos: invadiram o território nacional, com homens e equipamento com uma envergadura de tal ordem que lhes foi possível em pouco mais de um mês percorrer todo o território desde a fronteira sul até só poderem ser travadas na margem sul do rio Keve, na província do Kwanza Sul, alguns dias após a proclamação da Independência.

Se o objectivo das forças sul-africanas era o de alcançar Luanda antes do 11 de Novembro, com o intuito de eliminar o MPLA e colocar o estado nascente sob o comando duma coligação de forças que favorecesse a sua política de domínio na África Austral, tais intentos foram gorados pela resistência demonstrada pelas Forças Armadas de Libertação de Angola (FAPLA) e pelo contingente das forças armadas de Cuba, que tinham sido solicitadas pelo MPLA a intervir e a prestar ajuda para impedir que tal desiderato viesse a acontecer.



Primeiros presos sul-africanos
Apresentados à imprensa pelo Comandante
Júlio de Almeida “Jujú”.

LUANDA, 1975



Durante as manifestações do 1.º de Maio

LUANDA, 22 DE MAIO DE 1975



**Visita ao Centro de
Instrução de Comandos**
Com Henrique Abranches,
director do centro e Lopo
do Nascimento.

MORRO DA LUZ, LUANDA, JUNHO
DE 1975



Soyo libertado
Com Iko Carreira.

Foto: Augusta Conchiglia



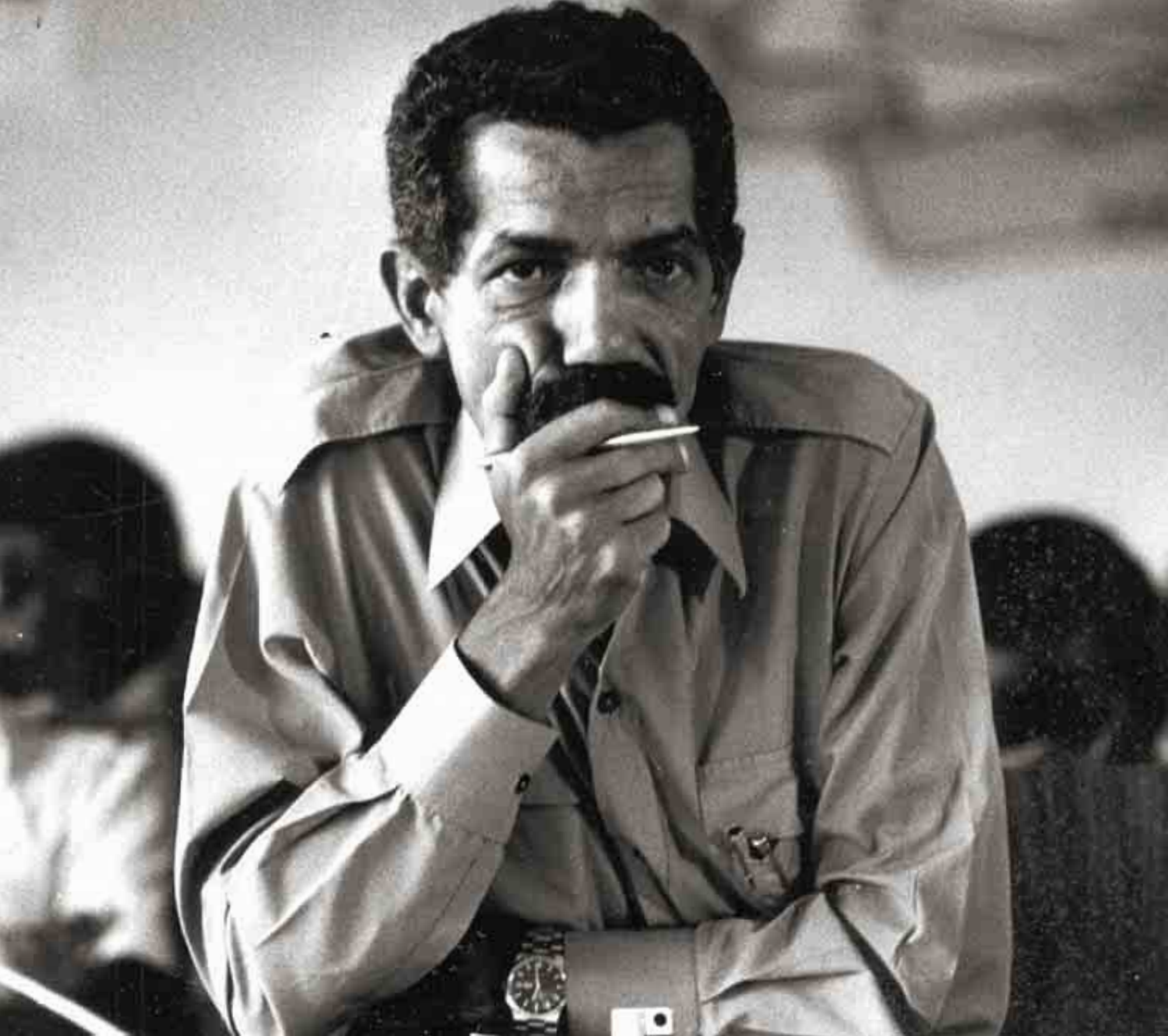
Raul Diaz Arguelles “Domingos da Silva”
Comandante das Forças internacionalistas cubanas na Frente Centro (à direita), tombado em combate a 11 de Dezembro de 1975 junto do rio Ebo.
Em baixo: Com Lopo do Nascimento, e os cubanos Jorge Risquet e General Chué, velando o corpo do Comandante Arguelles.

LUANDA, DEZEMBRO DE 1975



Frente Norte
João Luís Neto “Xyetu”, Chefe do Estado Maior das FAPLA e Jorge Alves Pires “Piricas”.

KIFANGONDO, NOVEMBRO DE 1975



...Pátria Unida, Liberdade, um só Povo, uma só Nação!



Içar da bandeira
República Popular de Angola.
LUANDA, LARGO 1.º DE MAIO, 11 DE NOVEMBRO DE 1975



«Luanda, 11 de Novembro de 1975. Em nome do Povo Angolano, o Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, proclama, solenemente, perante a África e o Mundo, a Independência de Angola. Correspondendo aos anseios mais sentidos do Povo, o MPLA declara o nosso país constituído em República Popular de Angola.

... Derrotado o colonialismo, reconhecido o nosso direito à independência que se materializa neste momento histórico, está realizado o programa mínimo do MPLA.

... Porém, a nossa luta não termina aqui. O objectivo é a independência completa do nosso País, a construção de uma sociedade justa e de um Homem Novo...»

COM o país dividido e dilacerado por uma guerra devastadora, na primeira hora do dia 11 de Novembro de 1975 é proclamada, no Largo 1.º de Maio da capital angolana, pela voz de Agostinho Neto, a Independência de Angola. Nesse mesmo dia 11 de Novembro, Lúcio Lara, na qualidade de Secretário do Bureau Político do MPLA, empossa Agostinho Neto como Primeiro Presidente da República Popular de Angola, em cerimónia que tem lugar na então Câmara Municipal de Luanda.

A fase de Resistência Popular Generalizada e a internacionalização do conflito armado em território angolano culminaram com a retirada dos contingentes sul-africanos do solo pátrio em 27 de Março de 1976.

Na cerimónia de proclamação
LUANDA, LARGO 1.º DE MAIO





*« Povo Angolano, Camaradas,
Algumas horas depois da Proclamação da República Popular de Angola, (...)
...o Comité Central do MPLA, materializando o sentimento profundo
das massas trabalhadoras
e de todos os patriotas Angolanos,
investe o camarada Doutor Agostinho Neto, Presidente do MPLA,
nas funções de Presidente da República Popular de Angola. »*

11 DE NOVEMBRO DE 1975

« Logo de manhã, mal se tinha dormido, já cada um de nós estava no seu posto a fim de se preparar o acto de posse. Houve uma pequena reunião do Comité Central. Entre outros assuntos falou-se da indumentária e o Camarada Presidente, que de vez em quando também sabia fazer humor, disse-me que teríamos todos de ir de casaco e gravata, incluindo o camarada Lara...; mas este apareceu de “fato político” da época ».

[HERMÍNIO ESCÓRCIO AO SEMANÁRIO O PAÍS, Nº 1 DE 14/11/2008]



Primeiro presidente de Angola Independente

Com Agostinho Neto e Hermínio Escórcio, responsável pelo protocolo.

SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA, 11 DE NOVEMBRO DE 1975



**Primeiro Governo de Angola
Independente**
República Popular de Angola.

LUANDA, PALÁCIO DO POVO, NOVEMBRO DE 1975





Ilustração de Vaz de Carvalho





No mundo
Alguns Encontros Internacionais [até 1975]



ÁFRICA



**Mário de Andrade recebido pelo
Presidente Ben-Bella**
Aquando da abertura da delegação do
MPLA em Argel.
5 DE NOVEMBRO DE 1962



Eduardo Santos e Gentil Viana na Argélia
Na tribuna de um comício de solidariedade
do povo argelino com Angola e o MPLA.
10 DE ABRIL DE 1963





Agostinho Neto recebido pelo Presidente Marien Ngouabi

Um dos mais sérios apoiantes da luta de libertação angolana.

CONGO-BRAZZAVILLE, 1975



Com Henri Lopez

Primeiro-Ministro da
República Popular do Congo,
que representou o seu país nas
cerimónias de Independência.

LUANDA, 11 DE NOVEMBRO DE 1975



**Com a Comissão de
Direitos do Homem
da ONU**

Acompanhado por
Pascoal Luvualu e
Manuel Jorge.

BRAZZAVILLE, AGOSTO DE 1968



Com Eduardo Mondlane

E Marcelino dos Santos, da FRELIMO, num
encontro da CONCP.

BRAZZAVILLE, AGOSTO DE 1966



**Com Angela Davis
e Marcelino dos
Santos**

Na visita que
efectuaram ao bureau
do MPLA.

BRAZZAVILLE, 1973



No 10.º Aniversário da OUA
Acompanhado por Pascoal
Luvualu, Gentil Viana e Afonso
Van-Dúnen “Mbinda”.
ADDIS ABEBA, 25 DE MAIO DE 1973



Recebido por Hailé Selassié
Presidente da Etiópia, no 10.º Aniversário da OUA.
ADDIS ABEBA, MAIO DE 1973



**Agostinho Neto e
Amílcar Cabral**
Com os pioneiros do PAIGC.
GUINÉ CONAKRY



*AMÉRICA
LATINA*

Encontro com Ernesto Che Guevara no Congo
Com Agostinho Neto e Luís de Azevedo, no bureau do MPLA.

BRAZZAVILLE, MOUNCALI, ROND POINT DE LA PAIX, 2 DE JANEIRO DE 1965

ÁSIA



Primeira visita do MPLA e do PAI à China
Amílcar Cabral, Luciano N'Dau, Bobo Turpin e Dawda Bangoura, representando o PAI, Viriato da Cruz e Eduardo Santos, representando o MPLA, são recebidos pelo Marechal Chen Yi, Vice Primeiro Ministro dos Negócios Estrangeiros.

PEQUIM, AGOSTO DE 1960



Com Agostinho Neto recebidos por Chu-en-Lai

Ministro das Relações Exteriores da China. Fizeram parte da delegação do MPLA em visita à República Popular da China, Ananias Escórcio, Alberto Neto e Jorge Zapele “Kakunga”.

PEQUIM, JULHO/AGOSTO DE 1971



Visitando a China com a UNTA
Acompanhando Pascoal Luvualu e Bernardo Dombele, da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos, UNTA, em visita à China Popular.

PEQUIM, MAIO DE 1961



Com Agostinho Neto no Vietname
AGOSTO DE 1971



**Com Agostinho Neto
recebidos por
Kim Il Sung**
Presidente da República
Popular e Democrática da
Coreia.
PYONGYANG, AGOSTO DE 1971.

EUROPA



**Na República
Democrática Alemã**
BERLIM, MAIO DE 1968



Com Heinz Schmidt
Presidente do Comitê Alemão de Solidariedade Afro-Asiática, na
Conferência Internacional contra o Racismo e o Neo-colonialismo.
RDA, BERLIM, MAIO DE 1968



Com o Arcebispo Makarios III
Presidente do Chipre, na Conferência Mundial da Paz.
NIKOSIA, JANEIRO DE 1968



Na Dinamarca
Durante uma manifestação da WUS, União Mundial de Estudantes.
COPENHAGUE, NOVEMBRO DE 1971



Com Amílcar Cabral na Itália
Acompanhado por José Condessa “Toka”.
ROMA, 27 DE JUNHO DE 1970

**Agostinho Neto recebido
por Josep Broz Tito**
Presidente da República da
Jugoslávia.
BELGRADO, JANEIRO DE 1973





Com Olof Palme
Primeiro-Ministro da Suécia.
ESTOCOLMO, NOVEMBRO DE 1971



Na Suécia com os “Africa Group”
Com Elizabeth Hedborg, Hillevi e Lars Nilsson.
ESTOCOLMO, NOVEMBRO DE 1971



Conferência de Imprensa em Estocolmo
Com Sven-Ake Dahlbäck, do PSD.
ESTOCOLMO, NOVEMBRO DE 1971



Nos “Afro-Asiáticos”

Mário de Andrade, Viriato da Cruz e Marcelino dos Santos com Nikita Krushchev, na 1.ª Conferência da Organização dos Escritores Afro-Asiáticos. UZBEQUISTÃO, TASHKENT, OUTUBRO DE 1958



Recebidos pelo Comité de Solidariedade do PCUS

Com Amílcar Cabral. MOSCOVO, FEVEREIRO DE 1969



Encontro com delegação soviética no Congo

Acompanhado por Okabango e Mbala Vital. BRAZZAVILLE, 1972





Camarada Lara

Outras imagens da vida do combatente [até 2009]



AINDA que este álbum tenha querido essencialmente retratar, até 1975, o itinerário do combatente, do nacionalista, do militante e do dirigente angolano Lúcio Lara, pelas razões já expostas no Pórtico de Abertura, havia que incluir alguma coisa do presente: o Camarada Lara está aqui connosco, e a sua presença discreta e tranquila interpela-nos, cada dia que dele nos aproximamos e o cumprimos, recordando-nos permanentemente que há, vivo nele, no seu olhar e no seu gesto familiar e amigo, algo que se transmite.

Não é difícil falar do legado do Camarada Lara. Na mesma proporção não é difícil dialogar, trocar impressões, tomar um café com ele, e, nesses gestos pequenos e banalmente quotidianos, acompanhar o que tem sido uma existência onde se confundem, de facto, um estilo de vida comedido, simples mas riquíssimo no que às actividades intelectuais, políticas e outras diz respeito, correspondente a uma opção feita ainda no tempo da juventude, porém alicerçada por uma praxis de resistência a muitos níveis ao longo dos anos.

Entre o jovem saído do Huambo e o membro do Coro dos amadores de música, entre o estudante universitário presente na Casa dos Estudantes do Império, e o maquisard nas chanas do Leste, entre o apaixonado pela fotografia e o dirigente partidário responsável pela organização do Partido, há um traço indesmentível em comum – uma trajetória de coerência e de modéstia; um caminho feito procurando manter-se, acima de tudo, de bem com a sua consciência, com as suas opções, e sempre ao lado daqueles que jurou, desde jovem, defender.

O seu reconhecido gosto pela leitura, pelo estudo do conhecimento da realidade africana e dos confrontos de ideias no mundo, são hábitos que nunca deixou de cultivar.

As suas preocupações com as crianças – os pioneiros –, com a defesa dos direitos das mulheres, a atenção especial que sempre deu à educação, desde a primeira guerra de libertação, são exemplos práticos de uma preocupação permanente com a maioria e



Retratos de Combatentes: Brito Sozinho, Achilles, António Fernandes “Stona”, Bernardo da Graça,



Carvalho Braga dos Santos “Desta Vez”, Gaby, Moisés Cardoso “Kamy”, Bernardo Suka-Hata “Suka Mahula”.



Fotos: L. Lara

Experiências em estúdio

Irene Cohen e Maria Judith Santos “Mariazinha”.

com os mais atingidos, os mais frágeis, os mais afectados pela dinâmica de sociedades injustas.

A máquina fotográfica, e por vezes a de filmar, foram instrumentos de Lúcio Lara até à perda de grande parte do seu material num incêndio na sua cubata no CIR da 3.ª Região Militar.

As necessidades de confidencialidade levaram a que estudasse, por correspondência, como realizar e revelar fotografias. Irene Cohen, Maria Judith, Maria Eugénia, Samuel Bernardo e outros serviram de “cobaias” para algumas experiências. Os trabalhos fotográficos passaram a ser revelados num estúdio montado na casa de banho de sua casa em Brazzaville.



**Experiências
em estúdio**

Samuel Bernardo
“Samy” ou “Mig” e
Maria Eugénia Neto.



Estúdio fotográfico

Lúcio reservava um espaço
em casa para se dedicar ao seu
hobby preferido.

BRAZZAVILLE, IMMEUBLES FÉDÉREAUX,
1967

Com alguns companheiros

Os mais de 50 anos de lutas político-partidárias levaram o Camarada Lara a manter relações várias de amizade. As fotografias de alguns dos muitos companheiros e companheiras presentes neste álbum, não correspondem à quantidade de camaradas e de amigos que foi tendo ao longo da vida. Servem tão só para testemunhar parte daqueles e daquelas que, ao longo dos anos, de todos os extractos sociais, de várias latitudes, a ele se ligaram e continuam ligados até hoje.



Com Agostinho Neto
LUANDA, 1978

Fernando Paiva e Ana Wilson
Em casa de Lúcio Lara.
BRAZZAVILLE, 1970



Com Eduardo Santos, em casa do Paiva
Moscou, 1968



Foto: R. Lara



Foto: L. Lara

Com companheiros cubanos

De pé, da esquerda para a direita: Puente Ferro (2.º), Limbânia Jimenez “Nancy” (3.ª), Jorge Risquet (4.º), Ruth (5.ª), Bruno (6.º).
BARRA DO KWANZA, 1976



Com Ruth, Costa Andrade “Ndunduma” e Maria do Carmo Medina

LUANDA, DEZEMBRO DE 1978



Com Arménio Ferreira

LISBOA, 1977



Com Henrique Abranches

DONDO, 1976



**Com Gerald “Jerry”
Bender**

LUANDA, 2005



**Com Agostinho
Mendes de Carvalho
“Uanhenga Xitu”**

LUANDA, 2006



**Com João Luís
Neto “Xyetu”**

LUANDA, 2005



Com vários companheiros

Da esquerda para a direita, em cima: Rui Xavier (3.º), Ermelinda Graça (5.ª), Maria do Carmo Medina (6.ª), Ruth Lara (7.ª), Albina Assis (8.ª), Rui de Sá “Dibala” (9.º), Maria Haller (10.ª), Gabriela Antunes (13.ª)
Em baixo: Pizarro (2.º) e Tina Dibala (9.ª).

LUANDA, 1991

**Com Ruth e Armando
Myre Dores**
Combatente anti-
fascista português.
LISBOA, 1994





Com Marga Holness
LONDRES, 1992



Com Paulo Teixeira Jorge
LUANDA, 2004



Com Jorge Tchimpuaty
LUANDA, 2004



Com Carlos Alberto Mac Mahon
LUANDA, 2006

Com Julieta Gândra
LISBOA, 1993



Com “Ouro de Angola” e Tony Nguxi, do Moxico
LUANDA, 2006



**Com companheiros
do Leste**
Entre eles, “Moto-
-Moto”, “Uíge”, “Oka”.
LUANDA, 2004



**Com Carlos Alberto Van-Dúnem
e Mário Alcântara Monteiro**
LUANDA, 2004



Com Carvalho Júnior, Cristina e Natália Pinto
Por ocasião do seu 78.º aniversário.
LUANDA, 9 DE ABRIL DE 2007



Com Marcelino dos Santos, de Moçambique

LUANDA, 2006



Com Aristides Pereira, de Cabo Verde

LUANDA, 2006

**Com Miguel Trovoada, de
São Tomé e Príncipe**

LUANDA, 2006



Com Raúl Castro Ruz
Visita pessoal do Presidente de Cuba.
LUANDA, CASA DE LÚCIO LARA, 2009

Com a família



Com Ruth
FIGUEIRA DA FOZ,
1953

BRAZZAVILLE, 1972



BARRA DO DANDE (BENGO), 1986



LONDRES, ANOS 1990

O sentimento de solidariedade e a consciência das muitas dificuldades vividas no período da luta de libertação levaram a Ruth e o Lúcio, para além dos três filhos que tiveram, a adoptarem e apoiarem outras crianças e jovens, que ficaram sendo filhos de ambos, com ligações afectivas e familiares que permanecem até hoje.

Nos pormenores que estas fotos nos revelam, que não são tão ínfimos como isso, damos conta dos reais sentimentos e valores que conduziram a vida do casal, até ao desaparecimento injusto e prematuro da Ruth, em Outubro de 2000.

PEQUIM, 1998



**Na homenagem
a Lúcio no Cine Karl
Marx.**

LUANDA, 8 DE DEZEMBRO DE
1995



Natal em família

De pé, da esquerda para a direita: Ruth com Sendi no colo, Fifi;
Sentados: Bruno, Paula, Xana, Wanda, Vantagem com Kelson no colo.

LUANDA, 1984



Com Ruth e os filhos

Por ocasião do 5.º aniversário do Bruno.

BRAZZAVILLE, 29 DE ABRIL
DE 1970



Com os “filhos” no Natal

Da esquerda para a direita, linha de cima: Paula, Paulo,
Vantagem, Cristina, Paulinha;
2.ª linha: Bruno, Vália, Wanda;
Linha de baixo: Ofélia, Samba.

LUANDA, 2008



Com os netos no Natal

Da esquerda para a direita, linha de cima: Sendi,
Ninda, Tchiloia, Paula Raquel, Sara, Jéssica;
2.ª linha: Lueji, Mané, Gika;
Linha de Baixo: Yazmin, Eros, Joel, Kamy, Ruth.

LUANDA, 2008



**Com o sobrinho
Lúcio José**
VISEU, 1992



Almoço em família
Entre outros, já identificados na página anterior, da esquerda para a direita, linha de cima: Jean-Michel (3.º), Ismael (4.º, escondido), Natália (5.ª), Xaninha (12.ª), Kelson (13.º), Paula (14.ª); À frente: Marco (3.º), Domingas (5.ª).
LUANDA SUL, 2002



Na gaiola dos macacos
Com Tchilóia, Gika e Sendi.
LUANDA, 1988



Com o papagaio
LUANDA, 1976



Com a Ilonga
LUANDA, 1988

Com a mãe Clementina
HUAMBO, NOVEMBRO DE 1974



Com Lotte e Fernando
Sogra e cunhado.
LUANDA, 1999

Um legado

Cumpridos que estavam a maior parte dos pressupostos que os levaram para a luta, quer o Lúcio quer a Ruth viraram as suas atenções para um projecto que consideraram fundamental: o de deixar para as gerações seguintes toda a documentação que foram conseguindo resguardar ao longo dos anos, pese embora as dificuldades então existentes.

Só assim foi possível a publicação dos vários volumes de “um amplo movimento...” e a posterior criação da Associação Tchiweka de Documentação.



**Homenagem a Lúcio Lara
no Cinema Atlântico**

LUANDA, 8 DE NOVEMBRO DE 2004





“um amplo movimento...”
Apresentação dos volumes II e III, a partir de documentos de Lúcio Lara, sobre o itinerário do MPLA e de outros movimentos de libertação. O lançamento do Volume I teve lugar em 1997.

LUANDA, OUTUBRO 2008



**Ruth a trabalhar no Volume I
do “um amplo movimento...”**

LISBOA, 1993



**Identificando fotografias do seu acervo
Na casa em Luanda.**

LUANDA, ANOS 1990



Assembleia Constituinte da Associação Tchiweka de Documentação

Da esquerda para a direita: Benigno Vieira Lopes “Ingo”, Paulo Lara, João Garcia Bires, Lúcio Lara, Elsa Almeida, Rodeth dos Santos, Wanda Lara, Armanda da Silva, José Katuya, Júlio de Almeida e Bruno Lara.

LUANDA, 3 DE SETEMBRO DE 2006



**Sala de arquivo
do Centro de
Documentação**
Instalações
da Associação
Tchiweka de
Documentação.
LUANDA, 2006



Reunião da ATD
Elsa Almeida, Bruno Lara, Joaquim Boavida,
Júlio de Almeida, José Katuya, Rodeth dos
Santos, Paulo Jorge, Francisco Tuta, Benigno
Vicira Lopes e Wanda Lara.
LUANDA, MARÇO DE 2008



Sala de leitura do Centro de Documentação
Instalações da Associação Tchiweka de Documentação.
LUANDA, 2006

**Homenagem
no Cine Karl
Marx**

Elsa Almeida
“Sita”
(secretária
de Lúcio
no Partido)
e outros
colaboradores.

LUANDA, 8 DE
DEZEMBRO DE 1995



FOTO após foto, este álbum mostra imagens esclarecedoras da preparação, da génese e do triunfo da luta de libertação nacional. O percurso individual de **Lúcio Rodrigo Leite Barreto de Lara** insere-se, junto ao de outros nacionalistas, na História dessa luta: ele esteve presente em alguns dos seus momentos mais importantes. Falava-se, no início deste álbum, da circunstância histórica de uma geração de combatentes contra o colonialismo em África ter podido aparecer na primeira metade do Século XX. E pode-se ver, pelo desfilarm destas fotos, como um desses combatentes encarnou essa circunstância. As imagens, porém, apenas reflectem os momentos. De uma certa maneira falam, sim, mas não suficientemente alto para expressar o que só a vivência – com o ruído das vozes, dos tiros, das dores e das alegrias –, têm o poder de esclarecer. Resulta dessa mistura a memória.

O Povo Angolano – principal actor dessa fase heróica da História do país – tem gravadas as dificuldades com que se debateu no combate contra o colonialismo. Os “olhos secos” não fazem esquecer as lágrimas vertidas pela morte prematura de alguns dos seus melhores filhos, que entregaram a sua vida pela liberdade. Da memória do Povo não se apagarão jamais as profundas impressões que permanecem desta caminhada, nos momentos de glória e nos momentos de insucesso. Esse património comum, que inevitavelmente se irá aprofundando e consolidando, já registou o facto de que Lúcio Lara manteve, durante toda a sua vida de militância e quaisquer que fossem as funções de liderança que exercesse, uma postura íntegra de homem que não traiu nem abandonou a causa que desde cedo na sua juventude abraçou.

Essa firme posição, no meio de tantas incertezas, às vezes de muitas dúvidas, contribuiu seguramente para dar corpo ao programa mínimo inicialmente traçado e materializado com a conquista da Independência.

Foi essa a motivação principal deste trabalho que resultou de uma evidência imposta desde o primeiro momento em que se começaram a seleccionar as fotografias e a escrever as primeiras linhas: homenagear Lúcio Lara é, acima de tudo, homenagear valores e ideais. Os valores e ideais que homens e mulheres da mesma estatura adoptaram, defenderam, propagaram.

Através do seu empenho na luta comum, Lúcio Lara, filho de pai branco e mãe mestiça, com outros filhos de pais bakongo, cabinda, cokwe, kimbundo, luvale, mbunda, umbundu e tantos mais, cimentaram em conjunto os alicerces de “um só povo e uma só nação” – a nova identidade angolana.

Os nacionalistas e revolucionários da sua época são modelos de cidadãos exemplares que a realidade angolana foi produzindo, deixando nomes incontornáveis que dedicaram a sua vida à luta por uma Angola melhor. O seu exemplo particular é uma das bandeiras que podemos, orgulhosamente, içar.

A História se encarregará de valorizar Lúcio Lara como político perspicaz, estudioso dos problemas africanos e internacionais, intelectual atento às mais diferentes áreas do pensamento humano – da literatura à música, da sociologia à antropologia – professor/formador que considerava a educação de todos como base essencial para a libertação dos Homens, com uma filosofia de vida acima de qualquer preconceito racial, regionalista, tribal, religioso, elitista ou familiar.

Como se vê pela trajectória ilustrada neste álbum, a sua militância activa levou-o a conhecer e a trabalhar com muitos dos combatentes angolanos. São raros aqueles, mais velhos ou mais novos, que com ele conviveram e não ganharam por ele um imenso carinho e respeito. As amizades de Lúcio Lara foram feitas essencialmente com aqueles que com ele compartilharam os caminhos do mesmo itinerário, tantas vezes em detrimento da sua vida pessoal e da própria família.

Atento à realidade à sua volta, Lúcio Lara sempre acessível, manteve a capacidade de ouvir, de tomar contacto e enfrentar os problemas, acompanhando permanentemente as preocupações das populações. Um pensamento e uma atitude perante a vida, perante a luta, partilhados com a Ruth, sua companheira de sempre.

MPLA é a palavra que mais nos vem à memória quando falamos do Camarada Lara. O Partido de que ele foi, em 1977, um dos principais arquitectos, herdeiro do Movimento que a sua geração ofereceu à nação angolana e que, nos seus mais recentes estatutos estipula que o MPLA *“fundamenta a sua actividade numa ampla participação democrática de todas as camadas e grupos sociais da população interessados no triunfo dos seus ideais, baseada nas ricas tradições de luta do povo Angolano, nas suas experiências e nos valores democráticos universais aplicados criadoramente à realidade de Angola” e que “assenta a sua acção, dentro das tradições e valores históricos da luta do Povo Angolano, nos mais elevados sentimentos patrióticos, de justiça social, de solidariedade humanista, de fidelidade sem limites aos ideais de todo o povo, sobretudo das camadas mais desfavorecidas e na defesa dos legítimos interesses nacionais.”*

A trajectória de Lúcio Lara confirma-nos que as palavras escritas e proferidas ao longo da luta, longe de serem de fácil aplicação, têm também um sentido. Cada ser humano acaba sempre por ser fruto do seu meio e da sua época, fazendo opções que o definem e que leva à prática ao longo da vida. Mas também é verdade que ao ter ousado confrontar-se com a realidade, colocando-se à frente do seu tempo e com o seu empenho em transformá-la, soube fazer escolhas, tomar decisões, em suma, seguir o caminho que haveria de trilhar.

Esse é, afinal, o principal legado deixado às gerações futuras. Só com coerência, verticalidade, teimosia e confiança na justeza de uma causa é possível estar seguro da vitória “certa”, não medindo os sacrifícios nem sobrevalorizando os problemas individuais.

As condições objectivas que levaram ao surgimento de combatentes, que lutaram e conduziram o povo angolano à vitória sobre o colonialismo, estão hoje transformadas. Elas criaram novos desafios, hoje abraçados por outros. Novos desafios, perseguindo os mesmos ideais contra outros obstáculos e contra novas dificuldades.

Ao finalizar este trabalho, não é difícil compreender que os ideais que nortearam a luta dirigida por Agostinho Neto, um dos companheiros de sempre de Lúcio Lara, se tornaram realidade.

São estes mesmos ideais que tornam possível dar pleno sentido aos versos de um outro combatente, poeta e companheiro da mesma luta:

*“Não basta que seja pura e justa a nossa causa,
É necessário que a pureza e a justiça existam dentro de nós”*

Associação Tchiweka de Documentação.

Luanda, 9 de Abril de 2009.





Testemunhos



Da longa participação activa do Lúcio - agora com o nome de Tchiweka - na luta pela independência de Angola retiro a lição de coragem abnegada, de empenho inquebrantável, de coerência lúcida do cidadão patriota universal.

António Santos “Toni”
Anti-fascista português, ex-jornalista na BBC em Londres



Em Setembro 2008, vários anos depois da saída voluntária de Lúcio da Assembleia Nacional e do seu afastamento dos media, o nome dele é mencionado no município do Bailundo onde me encontro para investigar sobre as razões da vitória do MPLA nestas regiões que tinham votado a 80% pela oposição em 1992. “Votamos pelo partido de Agostinho Neto, José Eduardo dos Santos e Lúcio Lara”, disseram-me nas aldeias do planalto. Para justificar a interrupção duma reunião dirigida pelo rei do Bailundo com quem eu queria falar, fui apresentada pelos meus acompanhadores, por iniciativa deles, como sendo uma amiga de Lúcio Lara. O rei virou-se para a sua assistência para dizer que ia afastar-se para entreter-se com uma pessoa das relações de Lúcio Lara, referência que não precisava de explicações.

Augusta Conchiglia
Militante anticolonialista e jornalista franco-italiana

Só voltei a ver o Lúcio depois do 25 de Abril. Mas sempre que tenho falado com algum angolano ou português que tenha estado em Angola, ao falar do Lúcio Lara, dão-me as melhores referências à sua postura ímpolita como grande patriota e revolucionário.

Armando Myre Dores
Combatente anti-fascista português





Os grandes homens vêem muito à frente dos outros. Aos pequenos cabe a honra de executar os sonhos dos grandes homens. Para usar uma palavra que ele muitas vezes ouviu na terra das chanas alagadas do Leste e na boca dos milhares de populares que lhe vinham pedir ajuda ou protecção, Twasanselako, Tchiweka.

Artur Pestana “Pepetela”
Combatente pela Independência Nacional e escritor angolano



Lúcio era, como seria sempre, o homem frugal, com o seu cachimbo inseparável, alimentando-se de café e um pouco de pão, o magro prato do imutável e mal confeccionado almoço, do “mestre Pana”, às quatro da tarde, a única refeição do dia. Os tostões, que lhe restavam do tabaco, mandava-os comprar pão, à loja do grego de Lusaka, para mitigar a fome dos pioneiros, que acorriam ao seu quarto e a muitos de nós, então já considerados “mais-velhos”. Se calhava o Lúcio comer um pequeno pedaço, dessa dúzia de pães, era apenas para acompanhar o primeiro ou segundo dos muitos cafés, que bebia o dia todo, até às tantas da noite. Lúcio era o homem, que da clandestinidade presente, passara à organização permanente, à participação diária no trabalho físico, antes das muitas horas até madrugada, no trabalho político e intelectual, dos manuais às directivas, aos activistas e comissários. Parecia inesgotável a sua energia e entrega ao trabalho. Chegada a hora, foi percorrer em marcha guerrilheira, dezenas de quilómetros, até à base, no interior do Kuando-Kubango, onde se encontrava a Maria Mambo com outros guerrilheiros.

Fernando da Costa Andrade “Ndunduma”
Combatente pela Independência Nacional e escritor angolano

Não é fácil falar do Camarada Lúcio Lara, do nosso Tchiweka. Mas devia ser, se nos lembrarmos da sua modéstia, da sua simplicidade, do seu modo solidário de ser e de estar, de uma vida dedicada à defesa dos seus sonhos, dos nossos sonhos, e de princípios elementares, porém difíceis, de patriotismo, de militância, de honestidade e rectidão de carácter.

Benigno Vieira Lopes “Ingo”.
Combatente pela Independência Nacional e General das Forças Armadas



Lúcio Lara foi um raro exemplo de tenacidade, constância e coerência ideológica ao longo da sua vida. Com um carácter frio, rigoroso, asceta e impoluto manifestou sempre uma fidelidade a toda a prova aos ideais comunistas, à libertação de Angola e a Agostinho Neto por quem, desde os tempos de estudante em Coimbra, nutre uma profunda amizade, cimentada ao longo de todas as lutas e esperanças comuns e de quem seria o companheiro, o confidente e o conselheiro mais próximo.

Edmundo Rocha
Combatente pela Independência Nacional e médico angolano

Durante todo o tempo que conheci e convivi com LL, vi-o poucas vezes muito pensativo e calado, como se estivesse abalado: a primeira aquando da prisão dos elementos do destacamento Kamy pelo exército zairense em colaboração com certos dirigentes da UPA/FNLA e posteriormente do frio assassinato das nossas heroínas na base da UPA/FNLA em Kinkuzu. A segunda quando relatava das mortes prematuras do Fernando Brica, Anselmo Magalhães, Aleixo Palma e doutros integrantes do Destacamento, e, finalmente quando da notícia da morte do Comissário Político Dr. Lourenço Casimiro. Com essa atitude aprendi do LL, que ficar calado e olhar no vazio, também é forma de recolhimento...

Garcia Bires
Combatente pela Independência Nacional e escritor angolano





Pois havia por um lado um Lúcio Lara político, que não tinha dúvidas sobre as suas convicções políticas mais profundas, e, por outro lado, um Lúcio Lara amante da Literatura, da História, e das Ciências Sociais em geral e sem fronteiras rígidas. Penso não me enganar se afirmar aqui, com base nos longos anos de convivência que tive com ele, que o último nem sempre esteve em paz com o primeiro.

Jean Michel Mabeko-Tali
Historiador e professor universitário congolês



Dans le petit groupe des fondateurs du MPLA, Lucio Lara émerge comme un homme-clé. Comme Mario de Andrade, son ami tôt disparu, il n'a jamais ni dans l'État indépendant ni dans l'armée de libération, occupé un poste réellement important. Mais son rayonnement intellectuel, la lucidité de ses analyses, l'intransigeante fidélité aux principes révolutionnaires d'équité, d'incorruptibilité, de solidarité ont fait de lui, dès la fin des années 1950, une personnalité aimée, respectée, écoutée de ses camarades.

Jean Ziegler
Miliante anti-imperialista e sociólogo suíço



Durante una breve estancia de casi dos meses en Brazzaville, a fines de 1966, conocí a luchadores angolanos. Tuve la suerte de presenciar la culminación del entrenamiento del Escuadrón Cami en Dolissie, de conversar con el jefe, Ingo, y con las seis muchachas que formaban parte de esa agrupación. Aprendí de la historia de Angola y de la lucha contra el colonialismo portugués encabezada por el MPLA. En esas pláticas ellos mencionaron con admiración y respeto al Presidente Neto y al compañero Lucio Lara.

Limbânia Jiménez Rodríguez "Nancy"
Investigadora cubana e internacionalista em Angola

E o homem guardava papéis. Era uma ideia. Papéis daqueles que são lidos e depois deitados fora porque é normal, não têm valor, morrem no instante em que são lidos, às vezes até podem ser objecto de insegurança porque devem ser destruídos, o inimigo pode aparecer e num recuo exigido deixam-se os papéis para trás com toda a informação sobre pessoas, endereços e contactos de amigos. Mas o homem guardava papéis na convicção de que continham a força das ideias. ...Camaradas que haviam sido discípulos de Lúcio Lara, todos ali por causa da força das ideias de uma espécie de ícone ou um uvindiki, aquele que espalha o fumo dos seus pés, afasta o inimigo e mesmo o leão. Ou ainda aquele chamado para desfazer a proibição costumeira de esconder e não revelar, um uvindaluli.

Manuel Rui Monteiro
Escritor angolano e membro do 1º Governo da R. P. de Angola



Lúcio manteve e praticou o idealismo dos primeiros anos, a identificação que o MPLA fazia então, da independência nacional com o ideal da sociedade igualitária, em que “cada um tem segundo as suas necessidades”, e em que os guias políticos e os governantes têm o sentido do bem público, são sensíveis à pobreza da população, e deles fazem o primeiro objectivo da sua governação.

Luís Bernardino
Combatente anti-fascista e médico angolano



Ao trabalhar com ele e ao observá-lo no seu trabalho, considero, hoje, embora não exclua poder estar condicionada pelo efeito de memória retrospectiva, o quanto possui, já, como adquirido, dentro da divisão do trabalho político, competências necessárias para a produção de acções colectivas e para a construção de enunciados estruturantes do discurso independentista, sobretudo no respeitante ao trabalho de unificação e de universalização dos interesses particulares dos dominados colonizados, sem o qual não é possível a mobilização nacionalista.

Maria do Céu Carmo Reis
Combatente pela Independência Nacional, socióloga angolana





Hay que decir que Lúcio Lara es uno de los luchadores más antiguos contra el colonialismo de todos los países colonizados por los portugueses. Esos que estuvieron muchos años de lucha cuando se produce la independencia se fueron de fiestas, tomaderas y otros divertimientos y yo considero que era normal, que después de alcanzar algo que en momentos parecía inalcanzable era lógico que se celebrara con mucha alegría. En Lúcio Lara, como fue eso: "para ahí" como dicen los angolanos. Lúcio Lara seguía trabajando igual o más y preocupado porque esos que estaban fiestando no se ocupaban aunque sea temporalmente de su responsabilidad. Este aspecto yo lo observé en él, porque visitaba su familia, observaba en su trabajo y siempre mantuvo la sencillez que mantenía cuando era un simple guerrillero o un simple soldado del MPLA.

Rafael Limonta Moracén
General do Exército Cubano e internacionalista em Angola
(Na foto recebendo a Medalha de Combatente pela Liberdade)



...Lúcio Lara foi um guerrilheiro cuja arma foi a sua postura de intelectual face ao colonialismo que era preciso eliminar.

Palmilhou as florestas de Cabinda e as Chanas do Leste e falou ao povo numa vida melhor. Acreditou na possibilidade de se construir, na Angola libertada, uma vida mais digna para os mais desfavorecidos e lutou por isso nas fileiras do MPLA. Desde a sua juventude que pugnou para alcançar estes objectivos. Vitoriosamente, Angola libertou-se do colonialismo. ...Foi modesto, simples e honesto.

Desfrute pois, na sua terra, do canto dos pássaros, do farfalhar das palmeiras, do mar imenso até ao horizonte e das vozes amigas à sua volta.

Queremo-lo muitos anos junto a nós, pois você é uma referência para a nossa juventude.

Um bouquet de rosas para si e vida para o seu dia.

Maria Eugénia Neto
Viúva do Presidente Agostinho Neto

Após a chegada a Luanda, o MPLA deu provas da sua vitalidade e do quanto estava enraizado no coração dos angolanos. Desenrolaram-se jornadas de intensa actividade, em que o Camarada Lúcio Lara demonstrou a sua fibra de líder à altura, profundo conhecedor dos meandros da política internacional e do contexto português em particular, relativamente ao momento delicado que Angola em vias da sua libertação vivia.

Roberto de Almeida
Combatente pela Independência Nacional e dirigente do MPLA



Sei perfeitamente que, muitos Angolanos deram o seu contributo para a liberdade desta Nação, Angola; mas o Cda LARA é um dos poucos que, de forma abrangente, liderou as frentes Político/Militares e é desnecessário para mim dizer como e com quem, porque falar de LÚCIO LARA é falar da Revolução Angolana de ontem, hoje e amanhã.

Rodeth dos Santos
Combatente pela Independência Nacional e membro do 1º Governo da R. P. de Angola



Quer como dirigente partidário, quer como quadro das mais altas instâncias do Estado, Lúcio Lara manifestou sempre o seu espírito solidário e o seu profundo sentido fraternal. Das vezes a que me referia com amigos e colegas aos encontros que tinha tido com Lúcio Lara, a opinião era unânime: Lara era um professor raro, um homem de extraordinária sabedoria, uma integridade notável e uma verdadeira dedicação aos ideais mais belos da Humanidade.

Roque Rodrigues
Combatente pela Independência e foi Embaixador de Timor em Angola



As we salute this extraordinary freedom fighter, teacher and historian on his 80th birthday, a particular image comes to my mind. In February 1999, Lucio Lara formed part of the Angolan delegation to a conference on Nordic solidarity with the liberation struggles in Southern Africa, held in the infamous prison complex on Robben Island outside Cape Town, South Africa. In addition to Nordic delegates, there were prominent historical representatives from ANC of South Africa, SWAPO of Namibia, FRELIMO of Mozambique and the Patriotic Front (ZANU and ex-ZAPU) of Zimbabwe. In recognition of his seniority chosen by the assembled freedom fighters to address the closing session, Lara recalled his first encounters with fellow African nationalists in exile in Europe and North Africa. Almost half a century later now standing in the prisoners' dining hall on Robben Island, he was overwhelmed with emotion as he reflected upon their long walk to freedom. Frail, but strong, he personified the trials, tribulations and sufferings of the Southern African peoples. More importantly, Lucio Lara represented their victories.

Tor Sellström
Militante anticolonialista sueco

At the centre of his life was his connection of trust to Angola's powerless. At home there were always humble people waiting to see him with their troubles. In rural areas peasants would not hesitate to tell him everything on their minds. And I have seen policemen at a road block, look into the car, recognise him, and shake his hand with reverence, airport officials wave a friend through without a check, because Lucio was there.

Vitoria Brittain
Militante anticolonialista e jornalista britânica





<i>Índice</i>	5	PÓRTICO
	11	ANOS DE JUVENTUDE (1929-1947) <i>Rapelle-toi quand même ce jour-là...</i>
	19	ANOS DE FORJA (1948-1960) <i>É tempo companheiro! Caminhemos...</i>
	36	<i>As “Portas Africanas”</i>
	47	ANOS DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (1961-1974) <i>Pelo Povo, todos ao ataque</i>
	69	<i>As Regiões Político-Militares</i>
	109	<i>A Educação</i>
	115	ANOS DO LIMLAR E DA CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA (1974-1975) <i>Olhamos-te bandeira agora...</i>
	119	<i>Conferência Inter-regional - 12 a 20 de Setembro de 1974</i>
	120	<i>Acordos de Lunyameje (21 de Outubro de 1974)</i>
	121	<i>Chegada da 1.ª Delegação do MPLA a Luanda – 8 de Novembro de 1974</i>
	125	<i>Abertura de delegações do MPLA nas diferentes províncias</i>
	130	<i>Tentativas de acordos</i>
	134	<i>Chegada de Neto – 4 de Fevereiro 1975</i>
	136	<i>Resistência popular generalizada</i>
	149	NO MUNDO <i>Alguns Encontros Internacionais [até 1975]</i>
	151	<i>África</i>
	155	<i>América Latina</i>
	156	<i>Ásia</i>
	158	<i>Europa</i>
	163	CAMARADA LARA <i>Outras imagens da vida do combatente [até 2009]</i>
	169	<i>Com alguns companheiros</i>
	178	<i>Com a família</i>
	184	<i>Um legado</i>
	195	TESTEMUNHOS

Autor

Associação Tchiweka de Documentação (ATD)

Título

Lúcio Lara "Tchiweka" - 80 anos - Imagens de um percurso

Editor

Associação Tchiweka de Documentação (ATD)

Produção

Executive Center - Luanda

Concepção gráfica

Rogério Beltrão Coelho

Impressão e acabamento

Printer Portuguesa

Copyright

Associação Tchiweka de Documentação (ATD)

1.ª edição

Julho de 2009

Tiragem

5000 exemplares

Depósito Legal em Angola

4651/09

Depósito Legal em Portugal

292 474/09



Foto da capa e p.48	Miconge, 2.ª Região, 1973 (foto de Paulo Lara)
Foto p.2	Sikongo, Zâmbia, 1971; com Fernando João Kissanga “Kudila Kua Ngola”
Foto p.4	Malanje, Assembleia da Associação de Camponeses, Outubro de 1984
Foto p.12	Huambo, 1946
Foto p.20	Conakry, 1962
Foto p.116	Luanda, na Sede do Partido, 1978
Foto p.140	Luanda, anos 70
Foto p.150	Dakar, Conferência Panafricana, 1980
Foto p.164	Luanda, anos 80
Foto p.196	Luanda, anos 80
Foto p.205	Soyo, 1976 (foto de Augusta Conchiglia)
P.13	Título do capítulo 1: verso do poema “Barbara”, de Jacques Prévert; Lúcio Lara cantava-o sobre a versão de Yves Montand [“lembra-te, ao menos, desse dia...”]
P.19	Título do capítulo 2: verso do poema “Rumo” de Alda Lara, 1951
P.47	Título do capítulo 3: estrofe do Hino do MPLA
P.115	Título do capítulo 4: verso do poema “Bandeira”, de Manuel Rui, transcrito na íntegra e ilustrado na página 147
P.141	Estrofe do Hino Nacional
P.192	Citação do Artigo 4º. (alíneas 2 e 3) dos Estatutos do MPLA, saídos do V Congresso do MPLA, 2003
P.193	Verso do poema “No povo buscamos a força”, de Jorge Rebelo

Separadores de capítulo: pinturas realizadas sobre as fachadas exteriores do muro do Hospital Militar em Luanda, em 1979, pelos alunos do colectivo cultural “Barracão”, orientados por Teresa Gama e Rui Garção, fotografadas por Hermann Pflüger em 1980.





Associação Tchiveka de Documentação (ATD)
Rua Comandante Stona, 124 - Alvalade
C.P. 1715 - Luanda - República de Angola
Tel. +244 912 501 204
Email: assoc.tchiveka.doc@gmail.com
<http://sites.google.com/site/tchiveka>